



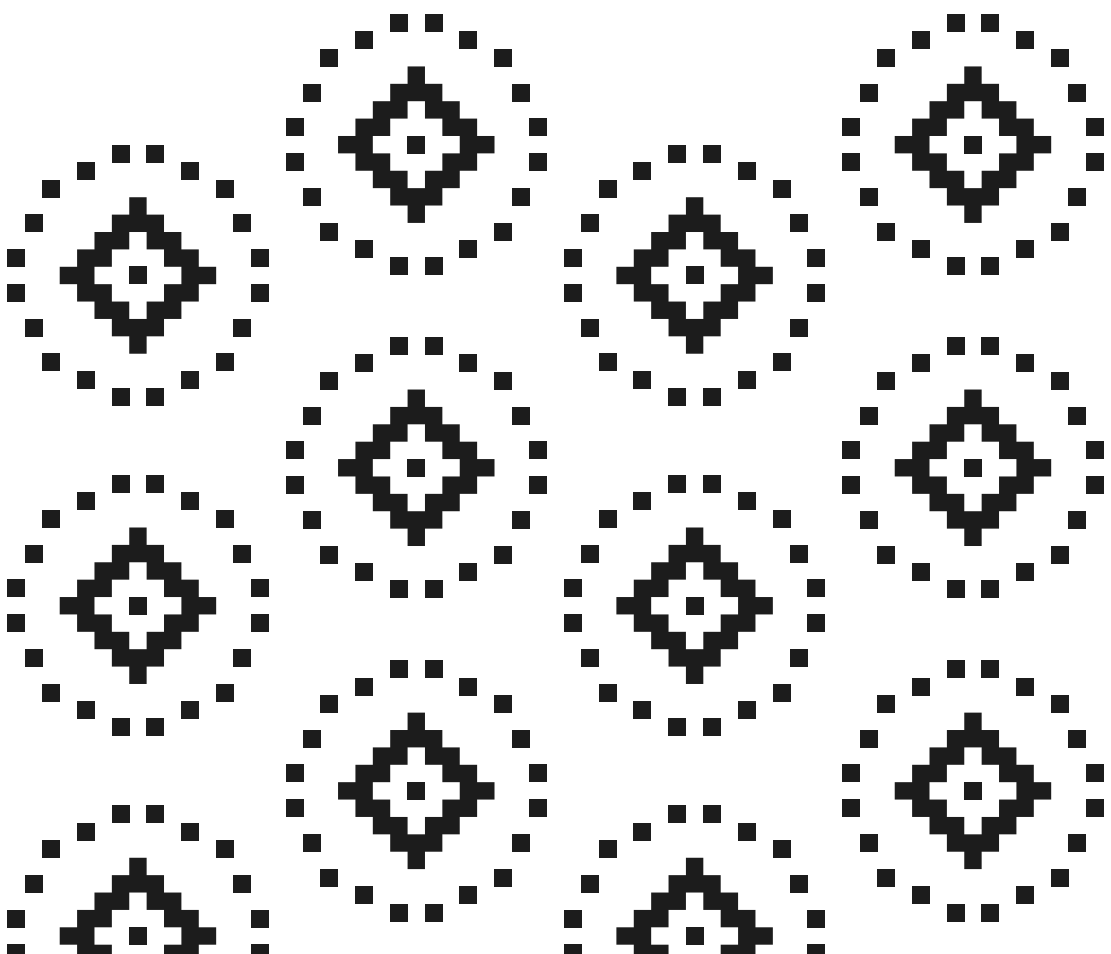
*Caderno Metodológico*  
**Projeto Por uma infância  
escreviente: práticas de uma  
educação antirracista**

Lauro de Freitas, 2021



duna

Nossos passos continuam fincados no  
nosso território infantil. Agradecemos às  
nossas crianças (êres, ibejis, curumins),  
por nos escrevermos de forma coletiva  
e por vivenciarmos cotidianamente  
experiências com a felicidade.





# Sumário

Apresentação **5**

Prefácio *Partilhando a felicidade de uma infância  
escrevimente!!!* **8**

Nossos princípios **13**

Nossas ações antirracistas e afrocentradas **24**

Nossos afroambientes **32**

Relações das afroficinas **42**

Oficina literária — infância preta **43**

*Anda, corre a roda: musicalização,  
ludicidade e cultura popular* **51**

*Arte culinária afro-brasileira: entre sabores,  
saberes e memórias* **64**

*Agbalá ancestral* **80**

*Afrobebê* **88**

*Acalanto africano* **95**

*Dayó, partilhando alegria pelos  
fios da memória* **105**

*Despenteia* **115**

# Apresentação

*Profa. Dra. Cláudia  
Miranda, UNIRIO*

O campo dos estudos sobre Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER) passou a ser referência de vanguarda inclusive para a formação de professoras/es. Uma característica que se destaca amplamente é a elaboração de metodologias com um aporte descolonizador tendo em vista a proposição de outras interpretações para a transposição cultural, nos currículos praticados. Ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, acompanhamos a produção de teses, dissertações, coletâneas de livros e ainda a organização de congressos temáticos, com a finalidade de apoiar um movimento crescente em defesa da descolonização dos materiais didático-pedagógicos.

O histórico da educação formal no Brasil revela injustiça epistemológica já que as referências de humanidade, de “cultura a ser ensinada”, estão baseadas nos países res-

ponsáveis pela colonização, no nosso território. Por longos períodos, não se produziu críticas sobre as identidades privilegiadas nas políticas curriculares. A ausência de um debate sobre o lugar das culturas das populações racializadas é uma das marcas da colonialidade do poder, do saber e do ser. Pode-se afirmar que o Brasil dos movimentos sociais antirracistas renasce com o enfrentamento de educadoras/es populares e profissionais do sistemas educacionais engajados na luta por justiça curricular. Com essas apreensões podemos situar a produção aqui sistematizada em redes de intelectuais-ativistas partícipes de uma outra visão de educação.

Chega em nossas mãos a coleção “Por uma infância escreviente”, fruto da pesquisa-ação de um coletivo de profissionais envolvidas com a agenda antirracista. A proposta tem, como orientação filosófica, a vida na escola com crianças pequenas, filhas das famílias negras, parceiras nessa andarilhagem profícua por indagar as políticas e as práticas curriculares hegemônicas. A contribuição que apresenta tem a ver com a experimentação dialógica. Ao reconhecemos a escrevivência, a pesquisa ação e a escuta sensível como ganchos orientadores do trabalho produzido, é possível compreender as potencialidades das intelectuais da escola, atentas ao mosaico interpretativo que sai da interação com suas interlocutoras privilegiadas – as crianças.

Para o campo dos ERER, que se renova e se revela multifa-

cetado, a cada etapa de interação da comunidade de interesse, a publicização do que se revela nos currículos praticados é central. Ou seja: quando recebemos novos relatos, novas ideias para uma proposição contra-hegemônica, nas instituições escolares, incidimos, verdadeiramente, na crítica ao instituído. Passa a ser condição *sine qua non* considerar a coleção “Por uma infância *escreviente*” conhecimento de referência para a elaboração de projetos político-pedagógicos para a educação infantil.

## PREFÁCIO

# Partilhando a felicidade de uma infância escreviente!!!

*Profa. Dra. Waldete  
Tristão Farias Oliveira\**

Quando nós, mulheres negras, escrevemos estamos cumprindo uma missão que é a de nos inscrever na literatura, de existir para que homens e mulheres negras consigam se espelhar e se prontificar a também trabalhar pela consciência negra, contra o racismo e qualquer tipo de preconceito. (GENI GUIMARÃES, 2021)<sup>1</sup>

**1** GUIMARÃES, Geni. GENI GUIMARÃES - “Está tudo contra nós, mas nós estamos a favor”. [Entrevista cedida a] Priscila dos Anjos. **ItaúSocial**, São Paulo, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/esta-tudo-contra-nos-mas-nos-estamos-a-favor/>



O projeto **Por uma Infância Escreviente: práticas de uma Educação Antirracista** foi contemplado, no ano de 2019, pelo Edital *Equidade Racial na Educação Básica: pesquisa aplicada e artigos científicos*, uma iniciativa do Itaú Social realizada pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT).

Sendo uma ação de fomento, o Edital contou com as parcerias do Instituto Unibanco, da Fundação Tide Setubal e do Fundo das Nações Unidas para a Infância, durante 18 meses, com o intuito de fortalecer grupos de pesquisa aplicada, e, ao mesmo tempo, mapear oportunidades estratégicas de atuação.

Compondo a modalidade **pesquisa**, o projeto em questão aponta soluções para os desafios da equidade racial na educação básica, especificamente para a Educação Infantil, perguntando-se: “*pode a infância negra ser feliz?*”

E é para responder esta questão que o projeto **Por uma Infância Escreviente: práticas de uma Educação Antirracista** oferece experiências afrodiaspóricas, africanas e afro-brasileiras, para os bebês e crianças pequenas que frequentam diariamente o CMEI Doutor Djalma Ramos, localizado na cidade de Lauro de Freitas, no estado da Bahia.

Enquanto pesquisa-intervenção, o projeto está comprometido com a realização de práticas pedagógicas para uma educação antirracista, através de diversas oficinas, todas elas entrelaçadas por escriturais e experiências com a felicidade, a partir da representatividade da vida e

obra de pessoas negras e coletivos negros, cuidadosamente selecionadas e oferecidas aos bebês e crianças, suas famílias e toda a comunidade educacional.

A etnopesquisa-ação apresentada aqui foi concebida pela equipe coordenada pela professora Fátima Santana, também coordenadora pedagógica do CMEI; contudo, é importante destacar que este trabalho é fruto e continuidade de uma série de ações educacionais e projetos pedagógicos já desenvolvidos pela equipe, há mais de uma década!

Entretanto, para atender as exigências do Edital e chegar a este Caderno como um de seus produtos, a equipe se organizou em torno dos seguintes instrumentos metodológicos: entrevistas; oficinas para produção das atividades; seminários de pesquisa com participação de convidados/as; rodas de conversa regulares para realização do passo a passo do Projeto Pedagógico Articulador com a equipe de gestão e realização do projeto.

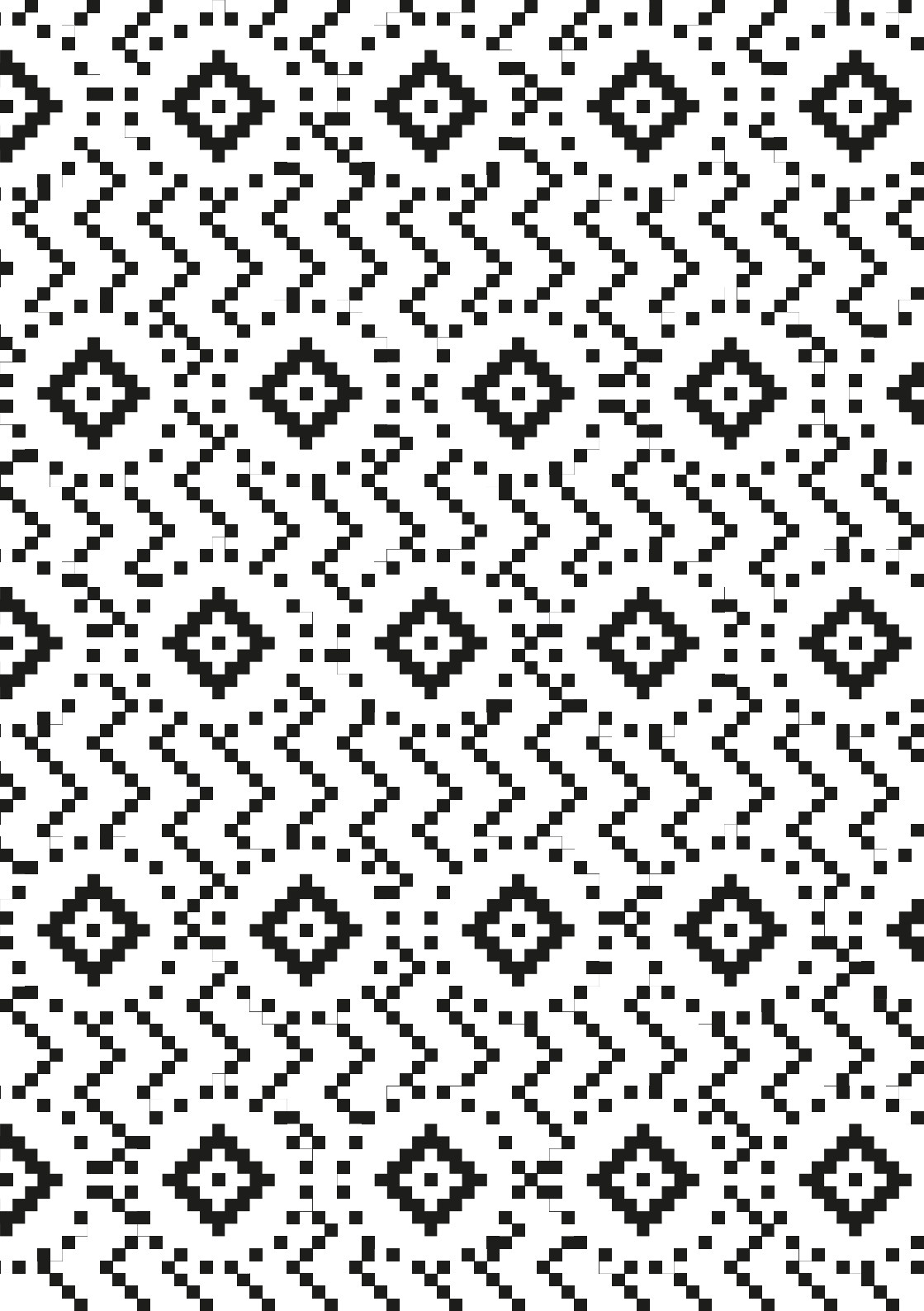
Enquanto supervisora do projeto, em meio à pandemia da COVID-19, acompanhei “de perto”, via reuniões on-line com a coordenadora Fátima e pelas redes sociais, todo o desenvolvimento das atividades planejadas, que culminaram com experiências a partir de um processo de ensino-aprendizagem escreviente e curricular, que garantiram o direito das crianças de ser e de existir protagonizados e oportunizados por uma educação antirracista.

Através do fortalecimento do Projeto Político Pedagógico da instituição, que evidencia o seu compromisso com

a educação antirracista, o conteúdo deste livro é o registro sistematizado da prática de anos, aqui nomeado como **Caderno Metodológico**, produzido no *chão da escola* pública de Educação Infantil.

Estamos diante de mais uma estratégia inédita e autoral desta equipe, materializada pelo compartilhamento de uma pedagogia construída por um coletivo de educadoras negras, intelectuais atuantes da Educação Infantil, e, principalmente, diante de um coletivo que constrói sua profissionalidade docente como professoras de bebês e crianças pequenas, especialmente comprometido com a felicidade da infância preta, ao mesmo tempo que se fortalece porque escreve e vive para se inscrever no mundo.

\* A autora é Supervisora do Projeto Edital Equidade Racial na Educação Básica: pesquisa aplicada/CEERT



CAPÍTULO 1

# Nossos *princípios*



## **Dialogar com crianças como sujeitos proponentes de currículos**

Compreendemos que isso não diz respeito a dar voz a experiências da infância negra, mas sim a aceitar que as crianças podem ser os sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem, sendo autoras de suas vozes e narrativas. As crianças negras produzem sentidos para o Racismo que sofrem.



## **Tornar visível a invisibilidade de mulheres negras: fortalecê-las e amá-las torna-se um ato pedagógico e político**

Compreendemos que considerar saberes, falares, subjetividades, estéticas, filosofias, performances e trajetórias de vida de mulheres negras e as irmandades que lhes constituem nos dá subsídios para continuarmos seguindo na luta em um Movimento de Educadoras/Educadores que amam, sentem e se respeitam. Em uma sociedade heteronormativa, torna-se insurgente considerar o corpo feminino e negro como referência de uma matriz educacional afrocentrada.



## Reconhecer crianças pequenas como sujeitos de direitos

Consideramos que o exercício do Direito Humano se elabora e se concretiza também no fazer diário, no chão da escola: uma escuta sensível dos desejos, sonhos, quereres e interesses das crianças, sem que as experiências sejam apenas adultizadas. Isto é, devemos escutar a infância, e sobretudo escutar a infância negra.





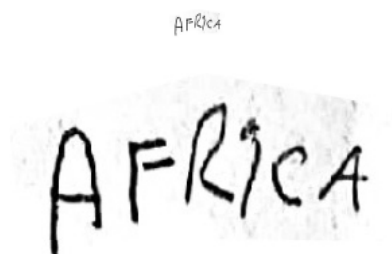
## **Dimensionar a importância da Lei n. 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio do Brasil**

Entendemos que é preciso ler a lei vinculada à história da diáspora negra, considerar o legado da intelectualidade de negras e negros para o campo da Educação. Estamos a caminho, transgredindo o Racismo nosso de cada dia, para conquistar a liberdade de um povo.



## **Reconhecer a necessidade de encontrar meios para fortalecer marcas identitárias**

Consideramos que esse é o desafio estruturante de uma educação infantil antirracista. Por isso, repensar as experiências de racismo significa reparação para a violenta e agressiva experiência de escravização de diferentes etnias e povos africanos no Brasil.



## Desconstruir estereótipos

Precisamos abrir espaços para coexistências mais sustentáveis, que não negam as relações coesivas de uma sociedade racista, sexista. São indispensáveis o diálogo e a democracia no projeto escolar.



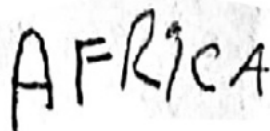
## Viver uma Pedagogia Afroafetiva

Devemos identificar nossa ancestralidade e as marcas e traços ancestrais inscritos em nossos corpos. Além de afirmar o sentido de nossa existência sem negar o encontro com os diferentes e as diferenças entre nós.



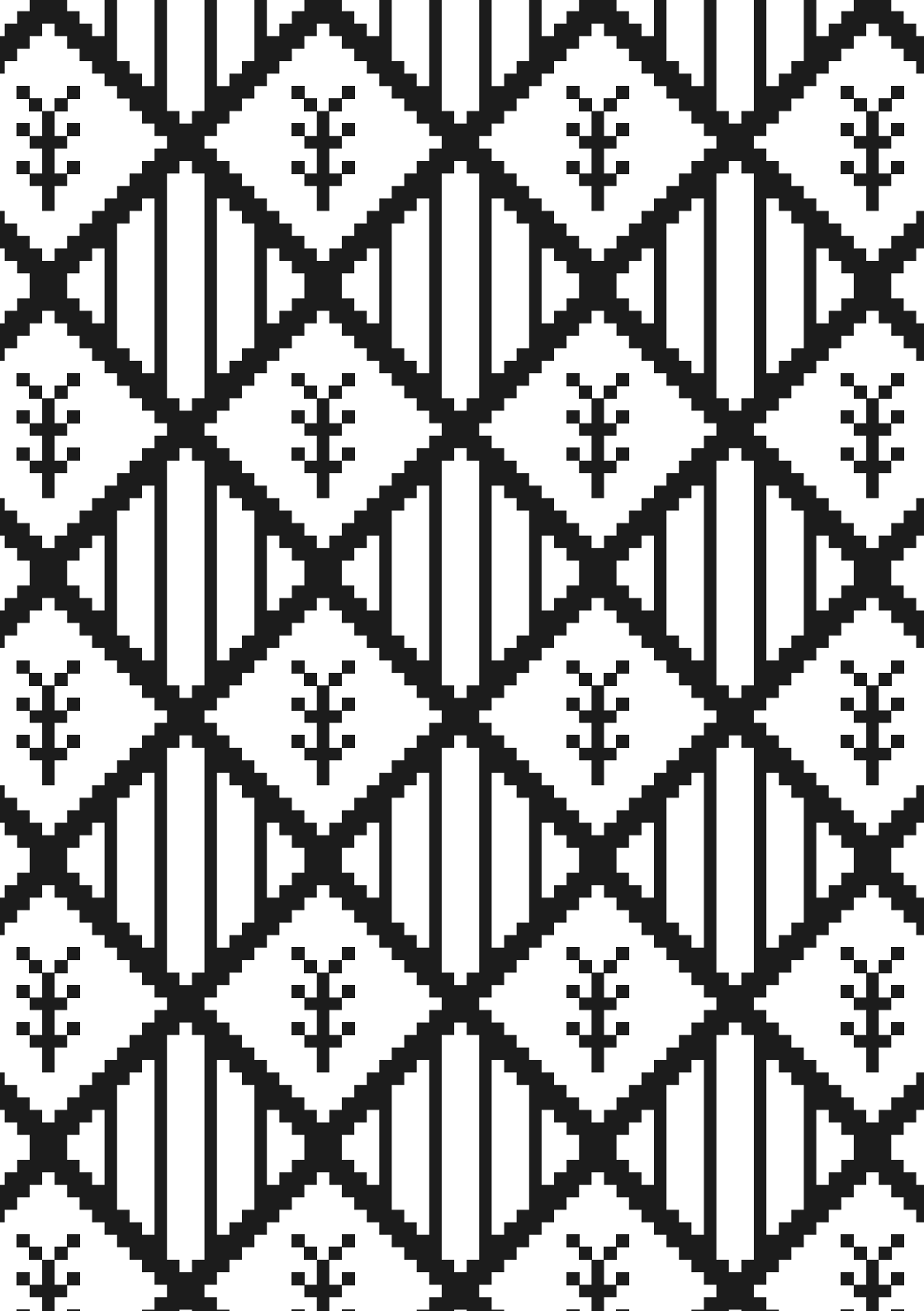
## Construir experiências com a felicidade

Isso é educação antirracista na infância. Nossos ancestrais perfizeram um caminho de luta e sofrimento pela garantia de nossas emancipações. Somos a geração seguinte e também somos a geração anterior da que virá depois de nós. Nossa tarefa negra: reconciliarmo-nos com a experiência da felicidade.

The word "AFRICA" is written in a simple, hand-drawn style with black ink. The letters are slightly irregular and spaced out. The word is centered horizontally and appears to be written on a light-colored, textured surface, possibly a piece of paper or a wall.

## **Atuar em sala de aula com respeito, autoafirmação e cuidado**

A prática escolar precisa nos proporcionar o *ubuntu* cotidiano: um movimento orgânico, experiências coletivas, conhecimento com sabor e afeto, desde a primeira infância.



CAPÍTULO 2

# Nossas ações antirracistas *e afrocentradas*



# **Nesta seção apresentamos ações antirracistas e afrocentradas que subsidiarão professoras de Educação Infantil em suas práticas pedagógicas:**

- Comece a observar sua prática, perceba a quem você privilegia, a quem você mais oferta o carinho, a quem você mais elogia, a quem mais você disponibiliza o seu colo. Comece a perceber a sua ação docente! Tente dar carinho a todas as crianças e principalmente às crianças negras;
- Perceba como você acolhe as crianças na chegada e na saída. Você beija todas as crianças? Quem você chama de linda? Procure dar igualdade nos tratamentos e nos carinhos;

- Chame as crianças pelos seus nomes. Não utilize apelidos pejorativos e preconceituosos para se referir a uma criança negra. Evite utilizar palavras ou frases racistas, a exemplo de: “Essa criança fede a preto! Que cabelo duro, igual a Bombril! Que cheiro de mijo! Ele é moreninho, mas é inteligente”;
- Decore a sua sala de aula com imagens de personalidades femininas negras que poderão ser trabalhadas em ações pedagógicas de forma atrativa;
- Fique atenta à conduta das auxiliares e à sua própria conduta como professora. Perceba se apenas crianças brancas são privilegiadas nas seguintes atividades: sentarem-se no seu colo, serem acolhidas depois de uma queda, serem ouvidas em diferentes atividades ou situações esporádicas e diárias;
- Perceba e combata atitudes racistas! Observe quem você chama primeiro e quem chama por último na hora de pentear os cabelos. Combata se, por acaso, a auxiliar se negar a pentear o cabelo de alguma criança, por ser mais crespo;
- Quando você fala sobre o negro para suas crianças? Em que situação? Apenas no dia 20 de novembro? Ou

nem mesmo nesse dia? Promova ações diárias para ensinar sobre a cultura africana e afro-brasileira;

- Você já leu alguma lei ou diretriz que trate sobre as relações étnico-raciais? Sua prática pedagógica contempla esses dispositivos? Comece agora, sempre é possível promover uma educação para a diversidade, a igualdade e a equidade;
- Observe quais são os papéis designados às crianças negras nas brincadeiras livres. Se forem apenas de ladrão, monstro e empregada doméstica, interfira e proponha outras possibilidades, para que a criança negra tenha a oportunidade de ser a advogada, a professora, a princesa, a juíza ou a personagem que ela desejar;
- Proponha músicas, brincadeiras e atividades afro-centradas, ou seja, que contemplem ações enegrecidas, conforme a Lei n. 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-brasileira e Africana;
- Apresente às crianças diferentes e diversas literaturas infantis que tratem sobre a negritude. Solicite para as crianças desenharem a/o personagem que

mais gostaram, ou que desenhem um final diferente para a história;

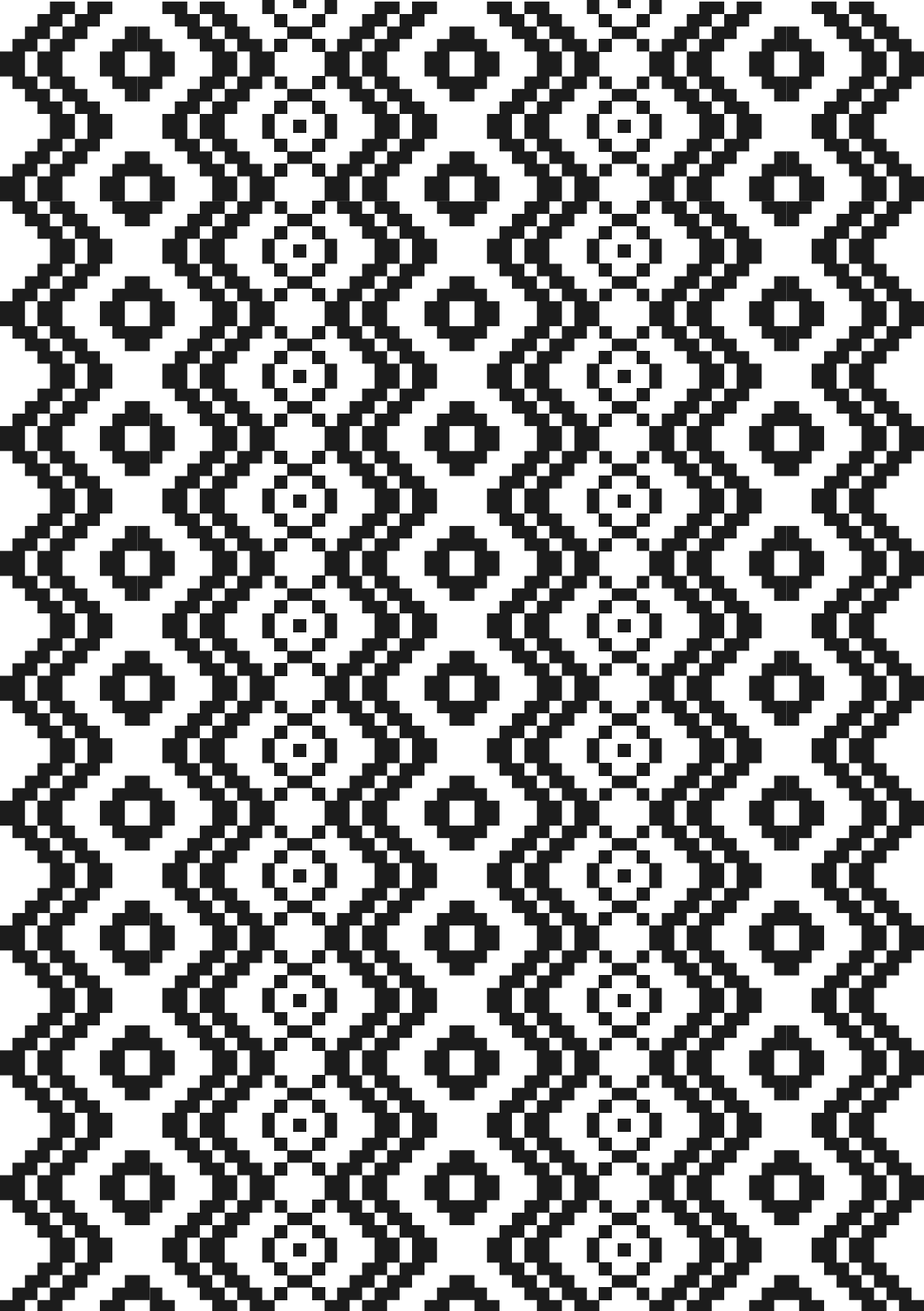
- Peça para as crianças sentirem a textura dos seus cabelos, o formato do seu nariz e do seu rosto e/ou realize a ação com seus colegas. Logo, solicite que a criança desenhe suas impressões;
- Proponha brincadeiras com bonecas e bonecos negros, depois peça que as crianças desenhem o brinquedo que mais lhes chamou a atenção;
- Enfeite os espaços da instituição e de sua sala com imagens das crianças negras e de suas respectivas famílias;
- Construa um painel identitário com personalidades negras em destaque e, diariamente, conte um pouco de sua história para as crianças;
- Possibilite às crianças a observação e a apreciação de produções de artes africanas. Levante hipóteses sobre as produções, sobre suas estéticas, quais materiais são utilizados. Solicite que desenhem a arte que mais gostaram ou construam sua própria arte;
- Construa objetos musicais africanos e afro-brasilei-

ros para que as crianças tenham a oportunidade de, diariamente, manipulá-los e saber de sua origem;

- Possibilite a construção de brinquedos afirmativos de diferentes países do continente africano;
- Apresente às crianças bonecas e bonecos negros que tenham uma diversidade de tons de pele e que sejam atrativos tanto quanto as bonecas brancas, para a criança brincar todos os dias;
- Permita que as crianças possam manipular e se inspirar com produções artísticas, músicas, desenhos e filmes infantis em que os personagens negros sejam protagonistas de sua própria história;
- Apresente diferentes literaturas infantis de artistas negros que falem sobre a negritude, seus ritos, contos e que as/os personagens negros/as sejam descritos sem estereótipos e com protagonismo;
- Distribua lápis na cor preta e na cor marrom e incentive as crianças a utilizá-los para desenhar diferentes produções e construir autorretratos com a tonalidade correta para seus tons de pele;
- Possibilite o acesso das crianças a materiais diversos

para brincadeiras livres e a construção de brinquedos afirmativos;

- Permita que as crianças tenham acesso a diferentes fantasias que também contemplem a diversidade, como a de reis e rainhas ou heróis e heroínas africanos;
- Disponibilize espelhos e incentive as crianças a se olharem e enaltecem seus traços físicos de forma positiva e igualitária em relação às crianças brancas;
- Pesquise, leia, compre livros, faça cursos, assista palestras, se instrumentalize para construir ações profundas e efetivas sobre a negritude, por meio de uma sequência didática ou um projeto pedagógico antirracista.



CAPÍTULO 3

# **Nossos** *afroambientes*



- Apresente imagens de personalidades de negras/os em posição de prestígio. Pelo menos metade das imagens que enfeitam a instituição precisa contemplar a diversidade.
- Diariamente, realize cantos em que a comunidade escolar tenha a oportunidade de experienciar a cultura afro-brasileira e africana que nos constitui.
- Enfeite os espaços da instituição com elementos da cultura africana e afro-brasileira.
- Enfeite as paredes da escola, pendure imagens como se fossem móveis, com a produção de uma(a) artista negro(a).

- Possibilite a realização de diferentes atividades que trabalhem os sentidos das crianças, aliadas à história de vida e obra da personalidade negra escolhida. Se, por exemplo, a personalidade escolhida gosta de tomar chá, acredita no poder ancestral das folhas e é de religião de matriz africana, prepare uma atividade utilizando folhas, como um banho de ofurô, manipulação e degustação de chás.<sup>1</sup>

**1** Essas orientações são contribuições do projeto de pesquisa da professora Cristiane Santos de Melo, contidas em sua dissertação de mestrado **"Escrevendo-me negra: práticas pedagógicas afrofemininas"**, do ano de 2020 (página 123-130). Disponível em: <https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=565888&key=6361edf91ae081d9a49fff8662c39035>.



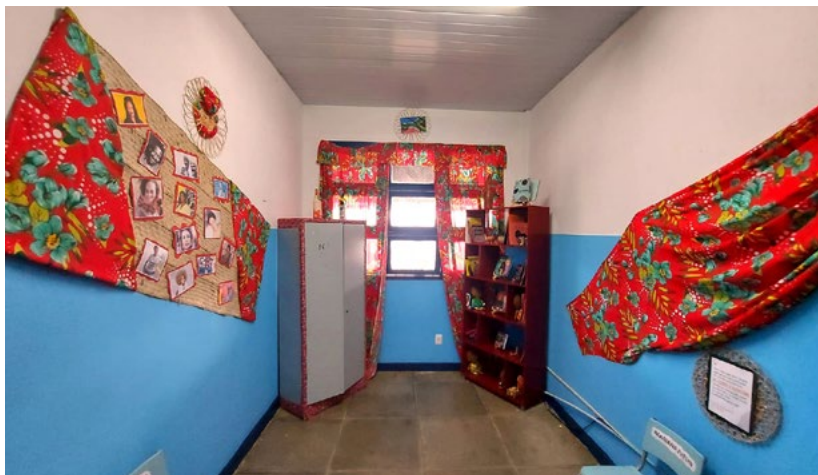
Secretaria escolar do CMEI Dr. Djalma Ramos



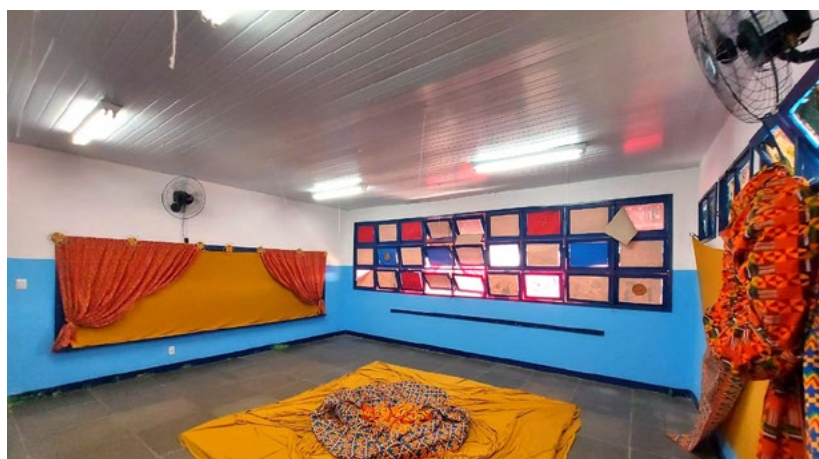
Direção escolar do CMEI Dr. Djalma Ramos



Secretaria escolar do CMEI Dr. Djalma Ramos



**Coordenação pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos**



**Sala de aula do CMEI Dr. Djalma Ramos**



Área externa do CMEI Dr. Djalma Ramos

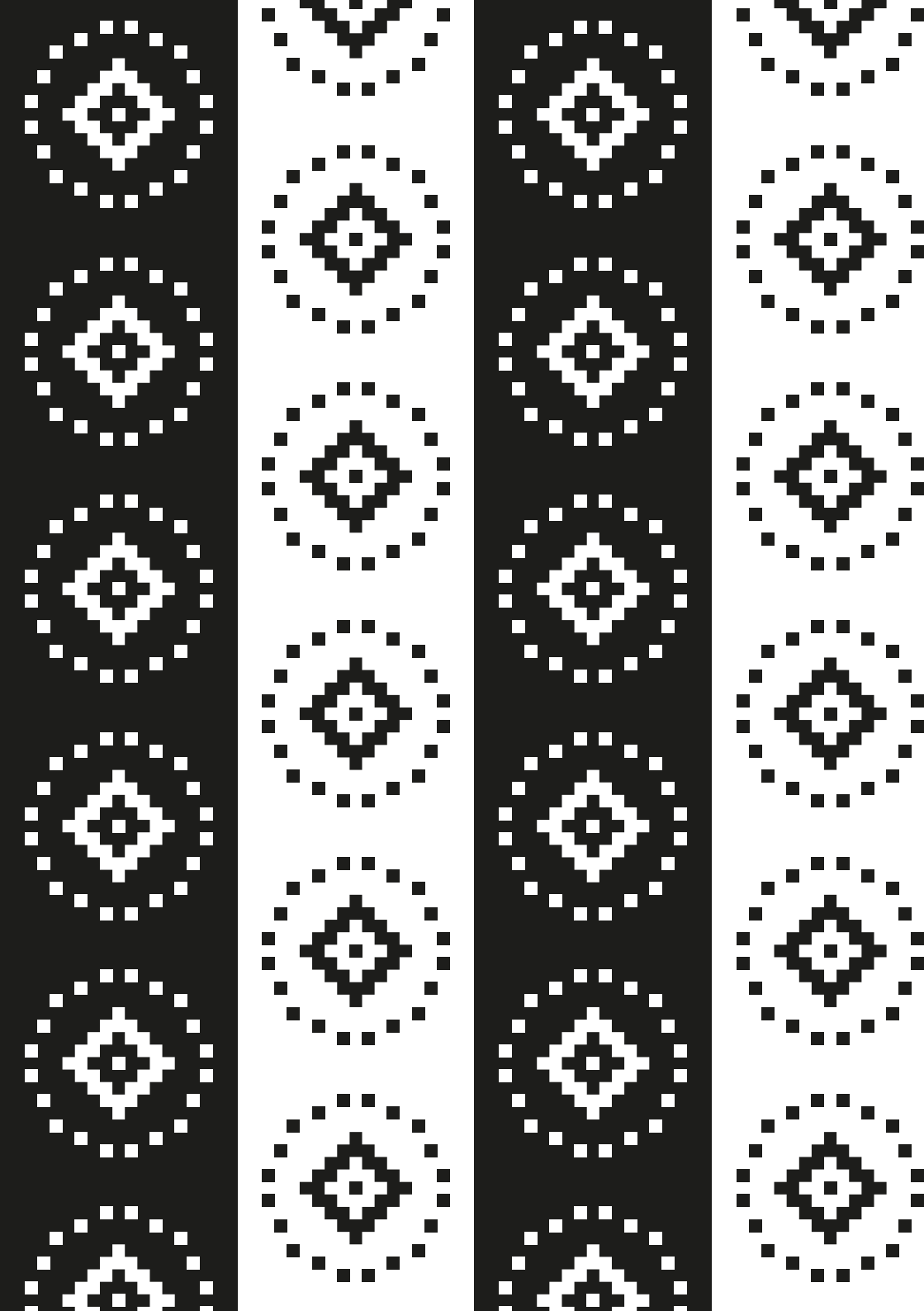


Cozinha do CMEI Dr. Djalma Ramos



Porta da sala de aula do CMEI Dr. Djalma Ramos





CAPÍTULO 4

# Relações das *afrocinhas*

**OFICINA 1**

# Oficina literária — infância *preta*

Mediadora  
Ladjane Sousa

## **Apresentação**

Pensar a infância preta é resgatarmos, sobretudo, quem somos. Na educação pública, a maioria das pessoas que compõem o chão das escolas são mulheres e homens negras e negros.

Nossas atividades envolveram sensibilizações, conceituações, reflexões e construções de experiências literárias para a infância preta que pudessem servir para o uso de docentes e educadores de modo geral, e ainda para outras pessoas e instituições interessadas.

Práticas literárias antirracistas podem desconstruir desigualdades aprofundadas nos nossos corpos como prática social desde a infância. Isso não significa que resolveremos a complexa construção que envolve o racismo estrutural e institucional há séculos, mas nos possibilita a construção de uma subjetividade que vivencia, desde a infância, uma autoidentificação que favoreça a coexistência e experiência da felicidade das crianças pretas (LUZ, 2001; LUZ et al., 2009).

*Ao passo que construímos essa prática literária para uma infância preta, revisitamos a nossa própria infância e a ressignificamos ao realizarmos autoformações e formações coletivas com nossos pares. Nossa subjetividade de mulheres e homens negras/os, desde sempre, desde a geração infância, é construída a partir de experiências negativas sobre quem somos, sobre a nossa história, isto é, de nossos antepassados africanos e indígenas. Essa geração é a única que atravessa, em subjetividade, todas as outras gerações que cada pessoa venha perpassar, por isso é tão urgente a produção de saberes sobre, para e com a infância, a despeito da complexidade da experiência humana (MIRANDA, 2018).*

## Objetivos

- Possibilitar uma experiência com a felicidade a partir das práticas literárias valorativas das marcas identitárias desde a infância, uma discussão necessária e que precisa ser estendida a toda a sociedade;
- Refletir possibilidades outras de construirmos práticas literárias para uma educação antirracista, bem como de construirmos instrumentos e material didático para o trabalho docente em uma perspectiva amplamente literária.

## Recursos

- Tecidos com padrões africanos;
- Literatura infantil;
- Retroprojektor;
- Papel;
- Caneta;
- Aparelho de som.

## Metodologia

- Acolhimento: sensibilização ao tema proposto, visando mobilizar os saberes e experiências literárias dos participantes através da leitura de um texto de

Françoise Ega, intitulado *Lettres a une noire* (*Cartas a uma negra*), que começou a ser produzido em 1962 e só foi publicado em 1978.

Vivências literárias: memórias de experiências literárias de deleite das/dos participantes da oficina.

Exposição de slides: apresentação da ementa, do objeto, problemática e objetivos, dos conceitos fundamentais e aspectos relevantes para pensar a literatura para a infância preta.

Produção literária parte 1: produção de escrita literária para a infância preta, de maneira autoral, a partir de trabalho realizado coletivamente pelas/pelos participantes — poesia (mas antes foi socializado o texto literário *Laís cor de pele*, de Daniela de Brito).

Finalização da manhã: leitura de uma poesia negra intitulada *O que mais há*, de Luane Reis.

Almoço: momento de alimentação ouvindo músicas.

Acolhimento: leitura dissidente para a infância preta na perspectiva de contribuir com as discussões interseccionais entre raça, gênero e classe — *Gordinhas*, de Ladjane Sousa.

Retomada conceitual: retomada de alguns conceitos relevantes, visualizando-os em algumas literaturas africanas, diaspóricas e afro-brasileiras.

Produção literária parte 2: produção de escrita literária para a infância preta, de maneira autoral, a partir de trabalho realizado coletivamente pelas/pelos participantes — conto.

Apresentação da produção: socialização através da lei-

tura da produção final do conto e reflexão sobre a atividade.

Finalização da atividade: avaliação da oficina, leitura da poesia intitulada *Escrita Preta* e finalização com a dinâmica do caracol.

## **Avaliação**

A oficina literária intitulada *Infância Negra* buscou mobilizar os saberes e fazeres de educadores como possibilidade de revisitar, ressignificar e ampliar suas práticas, discutindo, sentindo, refletindo e escrevendo experiências e cosmovisões. Objetivamos concluir a oficina deixando como legado para o CMEI Dr. Djalma Ramos e para as e os participantes uma poesia e um conto autoral construídos coletivamente.

## Anexos

### Registros fotográficos relevantes





por uma infância escreviente

caderno metodológico



## Referências

- LUZ.** Narcimária Correia de Patrocínio. **Caderno de textos e resumos do seminário ética da coexistência.** Salvador: UNEB, 2001.
- MIRANDA.** Amanaiara Conceição de Santana. **As experiências/aprendizagens com/sobre as crianças no cotidiano escolar:** a infância e as relações de gênero narradas por uma hermenêuta. 2018. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28507/1/TESE%20AMANAIIARA%20MIRANDA.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- SOUZA,** Arivaldo Santos de. Racismo institucional: para compreender o conceito. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 77-87, fev. 2011. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/275>. Acesso em: 30 jun. 2021.

**OFICINA 2**

# **Anda, corre a roda: musicalização, ludicidade e cultura popular**

Mediadora  
Maria Pinheiro

## **Apresentação**

“Correr a roda” é uma expressão utilizada por mulheres sambadeiras para convidar, através do gesto coreográfico da umbigada, outra participante para entrar na roda. Partindo de histórias contadas e cantadas, a oficina teve como principal objetivo explorar o rico universo de cantigas, jogos, rodas, brincadeiras e expressões cantadas e dançadas que marcam as culturas populares da Bahia, em

especial o samba de roda, visando contribuir para a construção de espaços de pertencimento e de identidade cultural entre as crianças do CMEI Dr. Djalma Ramos, assim como promover experiências de felicidade compartilhadas através da música e da ludicidade.

A oficina trouxe como presença fundamental da experiência pedagógica com crianças — no que tange à expressão, transmissão e vivência destes valores e saberes (cantados, falados, dançados e tocados) — a participação da cantora, compositora, versadora e mestra sambadeira Dona Salvadora (Salvadora do Carmo Lima), natural da cidade de Taperoá, na região do Baixo Sul da Bahia. Partindo da poética e da sonoridade matriarcal e matricial de Dona Salvadora, cuja musicalidade foi formada entre roçados de feijão e casas de farinha do interior da Bahia, que apresenta um amplo repertório de sambas de roda, chulas, pontos e cantos de trabalho, buscamos explorar, com as crianças, diferentes dimensões expressivas que estão presentes nas culturas populares, como o canto, a dança, os toques, a oralidade, o fazer coletivo e a roda.

## OBJETIVOS

- Fortalecer o autorreconhecimento identitário entre crianças de 3 a 5 anos, majoritariamente negras;
- Contribuir para a valorização da memória cultural local, bem como para a vivência de diferentes expressões artísticas enraizadas em um arcabouço estético e pedagógico afro-brasileiro.

## Recursos

- Caxixis;
- Prato;
- Garfo;
- Agogôs de coco;
- Reco-reco;
- Atabaques;
- Tecido com padrões africanos.

## Metodologia

A oficina foi planejada em diálogo com as orientações curriculares e experiências pedagógicas do CMEI Dr. Djalma Ramos, alinhada aos princípios e às práticas de uma educação antirracista, focada na infância e buscando valorizar personalidades negras da História da Bahia e do Brasil, especialmente as mulheres. As atividades pedagó-

gicas foram planejadas com e a partir das experiências de vida e do repertório cultural e musical de Dona Salvadora, abrangendo expressões como o samba de roda, a chula, as toadas, as rezas, os pontos e cantos de trabalho, tão característicos das tradições culturais fortemente presentes no interior da Bahia e na região do Recôncavo baiano. Buscamos vivenciar, com as crianças, fundamentos que marcam essas culturas de tradição popular, como a oralidade, a ancestralidade, a experiência coletiva em roda, a vivência de múltiplas linguagens (dança, canto, visualidade, performance, jogo e narração de histórias), o canto coletivo e alguns toques característicos de musicalidades de matriz afro-baiana.

A oficina encontrou na roda o princípio epistemológico de criação e proposição das experiências pedagógicas com as crianças do CMEI Dr. Djalma Ramos. Nesse sentido, foram propostas quatro rodas de aprendizagem durante a oficina, que teve a duração de 1 hora e contou com a participação de crianças de 4 a 5 anos.

### **Roda de abertura: cacau é boa lavra**

Nesta roda de abertura, fizemos uma dinâmica de apresentação individual das crianças e das mediadoras da oficina, introduzindo as primeiras histórias de Dona Salvadora, que falam sobre a sua trajetória de Taperoá a Salvador. Em seguida, distribuímos caxixis para todas as crianças e propusemos cantar coletivamente “Cacau é boa

lavra”, canto de trabalho que faz parte do repertório oral de Dona Salvadora. Nesse momento, Dona Salvadora falou brevemente sobre a cultura do cacau e compartilhou com as crianças a sua experiência envolvendo o plantio e a colheita de cacau em roçados no interior da Bahia. Trouxemos o cacau para o centro da roda, convidando as crianças para sentirem e perceberem sua cor, seu peso, sua textura, seu cheiro, passando-o de mão em mão, na cadência rimada do canto de trabalho entoado por Dona Salvadora.

No momento seguinte, trabalhamos uma segunda canção do repertório de Dona Salvadora, “Mangará”, e apresentamos para as crianças um par de instrumentos muito característico do samba de roda, o prato e faca<sup>1</sup> tradicionalmente utilizados por mulheres sambadeiras. O toque do prato e faca foi demonstrado às crianças, que foram convidadas para explorar o seu ritmo. Nesta dinâmica, também introduzimos o canto coletivo e responsivo (de pergunta e resposta em coro coletivo), tão característico da cultura musical do samba de roda e de outras expressões musicais que marcam o legado afro-brasileiro, como o partido-alto, o jongo, o coco de roda, entre outros. Durante a roda de abertura, foi possível introduzir um repertório musical e fundamentos rítmicos que fazem parte da tradição popular afro-brasileira, que foram explorados e aprofundados nas rodas seguintes.

**1** Por se tratar de crianças pequenas, utilizamos colheres e garfos de plástico.

## **Roda de samba: a flor de laranjeira**

O segundo momento da oficina foi iniciado apresentando, para as crianças, instrumentos característicos da tradição musical do samba, que estavam previamente dispostos em roda: caxixis, agogôs de coco, reco-reco e atabaques. O nosso objetivo foi propor uma vivência de roda de samba, na qual todas as crianças pudessem tocar, cantar e dançar de forma coletiva, aproximando os educandos da experiência social e cultural do samba, da forma como ele é praticado. Além de explorar os toques característicos de cada instrumento, apresentamos mais um samba tradicional do cancioneiro da Bahia, que foi interpretado por Dona Salvadora, “A Flor de Laranjeira”, de autoria de Zé Pretinho da Bahia, Bernardino Silva e Humberto de Carvalho. No momento da roda, também vivenciamos expressões que marcam a dança característica do samba de roda, como o passo miudinho, a umbigada, o momento de “correr a roda” e de fazer o gesto de reverência aos/às mais velhos/as e mestres/as. Nesse momento, as crianças participaram e se envolveram com a experiência de forma compartilhada, tocando, cantando em coro e dançando em roda.

## **Roda de correr: xô, xuá!**

Explorando a ludicidade através da roda e do samba, foi proposta uma brincadeira de correr em torno de uma roda “riscada” no chão, usando tecido de padrões africanos con-



torcido. A brincadeira teve como mote o samba “Cada macaco no seu galho”, do mestre e sambista baiano Riachão, que foi cantado por Dona Salvadora e executado no pandeiro por Maria Pinheiro. A regra do jogo era a seguinte: as crianças deveriam caminhar do lado de fora da roda no ritmo do samba e, quando a música parasse de tocar, deveriam pular para dentro do círculo, só retornando para o lado de fora quando o samba voltasse a ser executado. Esse foi um momento em que as crianças se divertiram muito: sempre que a música parava e as crianças pulavam para dentro da roda, caíam na gargalhada! Além de explorar a ludicidade, foi possível, nessa roda, propor, para as crianças, uma vivência de “aprender música brincando”, na qual certas qualidades do som puderam ser exploradas, como a intensidade, a pulsação e a duração da música.

### **Roda de brincar: boca de forno!**

Em nossa roda de fechamento, Dona Salvadora propôs uma brincadeira do tempo de sua infância, e que ainda continua muito popular na Bahia: “Boca de forno!”. Nessa brincadeira, um dos participantes, chamado de “mestre”, distribui tarefas para que os demais “jogadores” possam executar: dançar, pular, correr até um determinado ponto, abraçar alguém, virar estátua ou o que mais a nossa imaginação for capaz de criar. O enunciado que conduz a brincadeira é o seguinte:

- Mestre: “Boca de forno!”
- Todos respondem: “Forno!”
- Mestre: “Tirando bolo?”
- Todos respondem: “Bolo!”
- Mestre: “Faz o que eu mando?”
- Todos respondem: “Faço”.

E o mestre então anuncia a tarefa que deve ser cumprida pelos participantes da brincadeira.

Esse foi mais um momento de brincadeira e diversão entre as crianças, em que também pudemos resgatar e vivenciar uma brincadeira que marcou a infância de Dona Salvadora, sendo que foi mais um momento lúdico compartilhado e conduzido por ela juntamente com as crianças do CMEI Dr. Djalma Ramos.

Por fim, as crianças fizeram uma roda de agradecimento a Dona Salvadora, revelando o afeto e o significado de sua presença na condução da oficina e demonstrando o respeito e a valorização pelos saberes e experiências compartilhados por ela. Para darem continuidade às vivências musicais exploradas durante a oficina, cada criança recebeu um chocalho feito com garrafinhas recicláveis e bolinhas coloridas de sagu, para tocarem e se divertirem em seus momentos de lazer e brincadeira.

Dona Salvadora respondeu com alegria e agradecimento pelo momento de escuta e partilha de suas vivências com as crianças e com a equipe pedagógica do CMEI

Dr. Djalma Ramos. Que possamos continuar abrindo caminhos para que as experiências em que o brincar, a felicidade e o afeto se façam presentes no cotidiano de nossas crianças e na rotina de escolas públicas, como princípio pedagógico e como direito de aprendizagem.

## **Avaliação**

A oficina possibilitou explorar aspectos da experiência musical com crianças de 4 e 5 anos a partir de um repertório oriundo da cultura popular tradicional da Bahia, incluindo cantos de trabalho, pontos, toadas, cirandas, sambas de roda e chula, entre outros. Ao trazer a presença da intérprete, poeta, compositora e sambadeira Dona Salvadora, compartilhando seu repertório de cantigas de tradição oral, foi possível vivenciar com as crianças certos fundamentos que marcam as culturas populares e elementos constitutivos de sons e ritmos característicos de musicalidades afro-baianas.

Ouvir as histórias contadas por Dona Salvadora sobre a sua infância na região do Baixo Sul da Bahia e a sua posterior permanência nos bairros de São Cristóvão e Itapuã, em Salvador, mercando flores, frutas, doces e salgados, compondo e recitando ditados populares, com sua voz forte e vibrante, possibilitou às crianças do CMEI Dr. Djalma Ramos uma experiência coletiva de aprender com e a partir dos próprios protagonistas da cultura local, personalidades que são portadoras de uma herança ancestral

e que ressignificam e dão vida a uma poética singular a partir da tradição.

Nesse sentido, a oficina nos lança o desafio de continuar a abrir caminhos para que experiências lúdicas e de aprendizagem coletiva com base na cultura popular possam se fazer cada vez mais presentes no cotidiano da escola pública, como direito de aprendizagem e como princípio pedagógico, a partir das vozes, presenças e sabenças de seus protagonistas, mestres e anciões das múltiplas expressões que marcam as culturas tradicionais do Brasil.

## Anexos

(Registros fotográficos relevantes)





## Referências<sup>2</sup>

- BÁ**, Amadou. Hampâté Bá. A tradição viva. *In*: KIZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África**. São Paulo: Ática; Unesco, 1982. v. 1.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2005.
- DR DJALMA** Ramos e seu amor por Riachão | XVI Prêmio Arte na Escola Cidadã - 2015 | Educação Infantil. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Instituto Arte na Escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JlfrAUSOr70>. Acesso em: 20 out. 2021.
- MACHADO**, Vanda. **Pele da cor da noite**. 2. ed. Salvador: Edufba, 2017.
- MACHADO**, Vanda. **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira**. Salvador: Edufba, 2019.
- SANDRONI**, Carlos; SANT'ANNA. ( org.). **Samba de roda do Recôncavo baiano: dossiê**. Brasília, DF: Iphan, 2006.
- SODRÉ**, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

<sup>2</sup> Referências utilizadas pela mediadora da oficina.

**OFICINA 3**

# **Arte culinária afro-brasileira: entre sabores, saberes e memórias**

Mediadora  
Maria Pinheiro

## **Apresentação**

A cozinha se situa no centro da vida cotidiana. Por ser palco de pequenos rituais de elaboração e celebração — onde se mesclam gestos, cores, cheiros e sabores —, é reconhecida como lugar privilegiado do prazer e da invenção. Cada cozinheira/o tem seu repertório, suas preferências, seus modos de fazer, seus desejos e afetos, imprimindo para si um estilo próprio, que se deixa revelar nos modos



singulares de preparar, combinar, apresentar, oferecer e partilhar uma receita. As pequenas variações de pessoa para pessoa desvelam tramas simbólicas que são costuradas por histórias e memórias, nas quais tradição e imaginação se entrelaçam.

A comida também é sinônimo de socialização, de partilha, fazendo-se presente não só em nosso dia a dia, mas também em momentos celebrativos, em rituais e cerimônias religiosas e profanas. O próprio significado da palavra de matriz iorubana *ajeum* nos revela o papel socializador da comida: a contração das palavras *awa*, que significa “nós”, e *jeun* ou *je*, que significa “comer”, traduz-se em “comer juntos”. É o momento sagrado que se faz no coletivo, quando alimentamos, de forma partilhada, o corpo e o espírito. Há, assim, um importante papel socializador dessa prática, que também carrega princípios geradores de identidade. No que tange à culinária brasileira de influência africana, devemos reconhecer que o seu legado se mantém vivo até os nossos dias devido ao importante papel exercido por mulheres negras, que perpetuaram e mantiveram viva uma rica e diversa tradição culinária até os nossos dias. Nesse sentido, a valorização desse legado também é uma forma de lutar e dar reconhecimento aos saberes e memórias dessas mulheres, do passado e do presente.

Com esse propósito, a oficina “Arte culinária afro-brasileira: entre sabores, saberes e memórias” buscou promover o contato das crianças do CMEI Dr. Djalma Ramos com

os saberes oriundos da culinária afro-brasileira, por meio do preparo e do compartilhamento de receitas envolvendo a comunidade escolar. A partir dessa experiência coletiva, buscamos dar visibilidade ao repertório de histórias e memórias afetivas das crianças, famílias e equipe pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos sobre práticas e saberes da tradição culinária local e regional, na perspectiva de uma educação comprometida com os valores identitários da cultura negra e baiana.

Durante as oficinas, foram produzidos registros do passo a passo de cada receita e das memórias acerca das práticas culinárias compartilhadas com as crianças a partir da organização de um Livro de Receitas, publicado no formato digital. Entendemos que este registro constitui ação cultural e educativa relevante na medida em que busca dar voz e visibilidade a experiências singulares e memórias afetivas das crianças e famílias do CMEI Dr. Djalma Ramos sobre suas práticas de cozinhar e compartilhar o alimento coletivamente. No livro, as receitas vêm acompanhadas dos modos de preparo e dos registros das memórias e histórias contadas sobre cada receita, com ilustrações produzidas pelas crianças durante as oficinas.

## Objetivos

- Criar espaços de experimentação e envolvimento coletivo com um fazer comum em torno do ato de cozinhar, a partir do qual redes de colaboração e de interações sociais possam ser construídas entre educandos/as, familiares e equipe pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos;
- Promover o contato de educandos/as, familiares e equipe pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos com saberes e práticas da culinária afro-brasileira, especialmente a de tradição baiana, sendo este um meio privilegiado para promover o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura negra, na perspectiva dos valores e práticas de uma educação antirracista voltada para a infância;
- Dar visibilidade ao repertório de histórias e memórias de educandos/as, familiares e equipe pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos sobre práticas e saberes culinários afro-brasileiros aprendidos através da oralidade, por meio da criação, organização e publicação de um *Livro de Receitas* e do registro audiovisual dos encontros da oficina.

## Recursos

- Fogão com forno e utensílios de cozinha;
- Ingredientes para preparo das receitas: hortaliças, grãos, leguminosas, farinha de trigo, mandioca, fermento, azeite, ovos, leite, manteiga, coco ralado, açúcar, temperos, azeite de oliva, azeite de dendê, entre outros;
- Copos, pratos e talheres para consumo dos alimentos;
- Lápis e papel para desenho;
- Gravador de áudio e câmera para registro da oficina.

## Metodologia

A oficina foi organizada em oito encontros, com 3 horas de duração cada, no quais as receitas “doadas” pelos/as participantes foram preparadas e compartilhadas com os/as educandos/as e com a equipe pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos.

Na *roda de abertura* da oficina, marco inicial do nosso percurso, pudemos nos apresentar e conversar sobre a proposta da oficina com as famílias, crianças e equipe pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos. Durante o encontro,

cada participante escolheu uma receita do seu repertório de comidas da tradição culinária afro-brasileira que gostaria de preparar e compartilhar nos encontros da oficina, previstos para acontecer ao longo do mês de agosto de 2021. Este momento de escolha da receita foi muito especial, pois revelou as preferências, os gostos, as histórias e as memórias de cada participante sobre os pratos escolhidos, estabelecendo um vínculo inicial entre os/as participantes e um ambiente de acolhimento e escuta compartilhado, que foi primordial para os encontros seguintes. O cronograma de preparo das receitas da oficina segue apresentado no Quadro 1 a seguir.

## Quadro 1 – Quadro de receitas

Data	Receitas	Quem preparou?
16/ago	Xinxim de bofe	Dona Alaide, Mabian e Isabela Oliveira
18/ago	Quiabada	Sara e André Levi Santana
18/ago	Bolo de aipim e cocada	Ana Paula Sousa, Rebeca e Emmanuel Carvalho
20/ago	Caranguejada	Sidneia Pereira (Cida)
23/ago	Vatapá e caruru	Edilene e Endrick Teles
23/ago	Abará, acarajé e bolinho de estudante	Marcia de Jesus e Maria Sophia
27/ago	Sarapatel	Fátima Santana
30/ago	Moqueca de peixe vermelho	Cristiane, Ramon e Ravi Melo
31/ago	Bolinho de folha	Dona Maria de Lourdes e Noêmia Verúcia

Fonte elaboração das autoras

Os encontros para preparo das receitas eram sempre iniciados com uma *roda de conversa*, onde as histórias, as memórias e os modos de preparo de cada prato eram compartilhados pelos/as participantes responsáveis pela receita do dia. Esse era um momento em que todos/as — educando/as, famílias e equipe pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos — tinham a oportunidade de ouvir e compartilhar memórias e experiências despertadas a partir de cada receita, assim como dúvidas sobre os modos de fazer ou práticas diferenciadas de preparo dos pratos, que sempre enriqueciam a experiência coletiva de elaboração das receitas, tendo em vista que a maioria dos pratos já fazia parte do repertório comum dos/as participantes. Nesse momento inicial, também foram divididas as tarefas para preparo da receita do dia. Dessa forma, todos/as tiveram a oportunidade de se envolver com as etapas de preparo: cortando e preparando os ingredientes, limpando os utensílios de cozinha, lavando as folhas e temperos, cuidando da organização do espaço, entre outras atividades e tarefas que contribuíram para transformar o momento em uma experiência compartilhada de “fazer junto”, princípio que se consumou como um dos fundamentos pedagógicos da oficina.

Durante os encontros, os/as educandos/as participaram registrando a receita, através de desenhos que ilustravam ingredientes e a experiência de preparo de cada prato, além da vivência propriamente dita ao lado dos/as mais velhos/as, além de observar os modos de preparo,

ouvir as histórias contadas e saborear o alimento coletivamente no momento final do encontro. Saberes, sabores, cheiros, texturas, cores, desenhos, formas, brincadeiras, histórias, memórias e cantigas foram alguns dos componentes pedagógicos que puderam ser vivenciados pelas crianças no percurso da oficina. Esses conhecimentos e práticas eram sempre experimentados pelos/as educandos/as de forma integrada e multissensorial, em momentos de interação coletiva e intergeracional, em diálogo com o entendimento trazido pelo educador Eduardo Batista<sup>1</sup>, de que “uma prática pedagógica emancipatória jamais se reduz à primazia de um único sentido”.

A oficina também propôs um mecanismo próprio de registro das vivências e dos modos de preparo de cada receita, fazendo uso de: gravador de áudio, para captar as conversas e histórias contadas pelos/as participantes sobre cada receita; câmera fotográfica e de vídeo, para captar os momentos de preparo das receitas e os relatos dos/as participantes sobre a experiência envolvendo cada prato e suas memórias; além dos registros em desenho feitos pelas crianças, que traziam um olhar muito singular e imaginativo sobre a experiência envolvendo os saberes,

**1** Esta frase foi escrita pelo educador Eduardo Batista, numa postagem referente à oficina Culinária Afro-Brasileira, na página do Instagram (@cmeidr.djalma) do CMEI Dr. Djalma Ramos.

ingredientes e modos de preparo de cada receita.

A experiência com o preparo e o compartilhamento coletivo das receitas colocou em prática uma pedagogia baseada na transmissão de saberes através da oralidade e do “aprender fazendo”, valorizando a sabedoria que vem dos/as mais velhos/as, detentores/as privilegiados/as dos conhecimentos a respeito das tradições culinárias de herança afro-brasileira trabalhadas no percurso da oficina.

Por fim, o momento de compartilhamento do alimento se consumou como uma vivência fundamental da oficina: um espaço de celebração e de pertencimento coletivo, onde os sabores, cheiros, memórias e afetos despertados por cada receita puderam ser finalmente provados e degustados, provocando prazer, satisfação e trazendo vitalidade para todos os/as presentes, individual e coletivamente.

A documentação da oficina, bem como do registro do passo a passo de cada receita, através do Livro de Receitas (publicado em formato digital), se configurou como uma ação educativa e cultural importante de produção e difusão dos saberes e das práticas culinárias afro-brasileiras e das histórias de vida de cada participante envolvido/a com a realização da oficina, constituindo-se, sobretudo, como um documento de natureza artística e memorialística.

## **Avaliação**

Primeiramente, ressaltamos o papel fundamental da equipe pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos, desde o momento inicial de planejamento da oficina até a organização dos



encontros: estruturando o espaço da oficina, convocando as famílias, comprando os insumos, cuidando da decoração do ambiente e de cada detalhe do encontro, além de orientar a condução, a mediação e a avaliação da oficina junto com a educadora responsável. Sem esse acompanhamento cuidadoso e orientação pedagógica, não seria possível construir um espaço tão rico de aprendizagem e de experiência significativa envolvendo os saberes e as práticas culinárias de herança afro-brasileira junto com as famílias e crianças do CMEI Dr. Djalma Ramos.

Ao trabalhar com um repertório de receitas da tradição local, pudemos resgatar um amplo complexo de saberes e práticas culinárias, sempre conectado com as histórias e memórias individuais e coletivas dos/as participantes sobre seus lugares de origem, sobre costumes e ofícios ligados a cada prato preparado no percurso da oficina. Esse resgate representou uma ação educativa importante de documentação da memória cultural local ligada a essas tradições culinárias, que puderam ser compartilhadas e vivenciadas com as crianças e seus familiares durante os oito encontros da oficina e que também poderão ser compartilhadas com outros agentes culturais e educativos através do *Livro de Receitas*, publicado em formato digital.

Para além da aprendizagem dos modos de preparo de cada receita, os encontros possibilitaram conhecer e compartilhar histórias de vida e memórias de pessoas que são detentoras de um amplo legado cultural e social enraizado nas tradições afro-brasileiras, como, por exemplo,

Dona Maria de Lourdes, avó da educanda Arielle Victoria, que compartilhou as suas lembranças como vendedora de bolinhos de folha e de carimã na antiga Santo Amaro de Ipitanga; ou de Ramon, pai do educando Ravi, que faz parte de uma família de pescadores tradicional do bairro de Itapuã, e que nos trouxe uma receita de moqueca de peixe vermelho, contando sobre histórias do seu ofício e do dia a dia de trabalho na Colônia de Pescadores de Itapuã; ou ainda da baiana de acarajé Marcia de Jesus, que faz parte de uma família de três gerações de baianas e compartilhou conosco um pouco de suas histórias e conhecimentos sobre pratos tradicionais da culinária negro-baiana, como o acarajé, o abará e o bolinho de estudante. Esses são apenas alguns exemplos de histórias e saberes que foram trazidos pelos/as protagonistas da oficina durante os momentos de compartilhamento e preparo de receitas.

No percurso dos encontros, também se formou uma rede de acolhimento e apoio mútuo entre os/as participantes, especialmente entre as mães dos/as educandos/as, onde foi possível trocar experiências, afetos, histórias e desafios do dia a dia, momento que se mostrou importante e necessário em um contexto de pandemia e isolamento social prolongados. Para as crianças, os encontros foram um espaço de socialização com a família na escola, de brincadeira e de vivência dessas práticas culinárias de forma coletiva, assim como são vivenciadas no dia a dia.

O Livro de Receitas, apresentando os modos de preparo e parte das memórias dos/as participantes da oficina so-

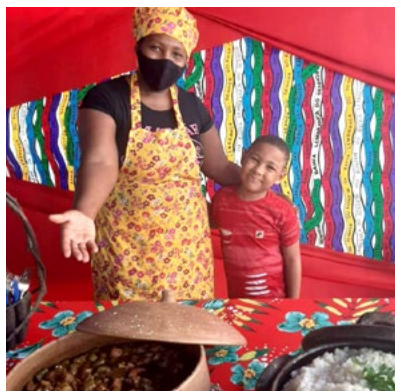
bre cada receita, se consumou como um importante documento de registro e mediação pedagógica e cultural que poderá ser compartilhado com toda a comunidade escolar do CMEI Dr. Djalma Ramos, e, para além dele, com educandos/as e professores/as de outros espaços educativos e escolas públicas, a fim de explorar saberes e práticas da culinária tradicional afro-baiana, enunciados por aqueles que vivenciam essa cultura alimentar no seu dia a dia e no decurso de muitas gerações.

Para dar continuidade ao projeto, propomos incluir os encontros de preparo de receitas com a comunidade escolar como uma atividade regular do currículo, ampliando a participação de outros/as educandos/as e familiares que não tiveram a oportunidade de participar da primeira edição da oficina. Também seria possível manter a continuidade dos encontros com o grupo inicial, formando uma rede de sociabilidade e acolhimento mútuo em torno das práticas culinárias de preparo e compartilhamento coletivo de alimento com o propósito de fortalecer os vínculos das famílias com a escola.

## Anexos

(Registros fotográficos relevantes)





## Referências

- BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília, DF: MEC, 2005.
- CASTANHO, Marcos; PINHEIRO, Maria; SALA, Mariana. Livro de receitas doadas.** Banca ambulante. São Paulo: Prefeitura de São Paulo; Centro Cultural São Paulo, 2017. Disponível em: [https://issuu.com/trabalhoseditoriais/pam/docs/livro\\_de\\_receitas\\_doadas\\_jan2017\\_is](https://issuu.com/trabalhoseditoriais/pam/docs/livro_de_receitas_doadas_jan2017_is). Acesso em: 1 dez. 2021.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 2013.
- FREGONEZE, Josmara B.; COSTA, Marlene Jesus da; SOUZA, Nancy de. Cozinhando história: receitas, histórias e mitos de pratos afro-brasileiros.** Salvador: Fundação Pierre Verger, 2015.
- LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana.** São Paulo: Selo Negro, 2004.
- MACHADO, Vanda. Pele da cor da noite.** 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2017.
- MACHADO, Vanda. Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira.** Salvador: Edufba, 2019.
- MARQUES, Edson (org.). Quilombo na cozinha: receitas tradicionais quilombolas.** Vale do Ribeira; Eldorado, SP: Quilombo André Lopes, 2017.
- NOVAES, Priscila (org.). Ajeum: o sabor das deusas.** São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2017.

**PORO.** Pequeno guia afetivo da comida de rua de Salvador. **Poro**, Salvador, 2014. Disponível em: <http://poro.redezero.org/downloads/guia-comida-de-rua-salvador-bahia-poro.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

**PINTO**, Viviane et. al. **Pratos e prosas**: história e culinária no assentamento Bela Vista do Chibarro. São Paulo: VCP Produção Cultural, 2014.

**OFICINA 04**

# **Agbalá ancestral**

Mediadora  
Noêmia Verúcia

## **Apresentação**

A água é uma substância essencial para a vida na terra. Ela faz parte dos ritos de várias religiões e é considerada como elemento sagrado e de purificação. Não se tem como imaginar a existência humana em toda sua totalidade e subjetividade sem que ela possa assumir diferentes funções.

O ritual do banho não é uma forma apenas de manutenção da vida, mas é também uma manifestação de crença, de expressão de prazer, de bem-estar e de manutenção dos vínculos afetivos com aqueles que lhes são mais próximos.



O rito do banho é uma possibilidade de acessar saberes dos povos africanos e entrelaça-se à cultura dos povos originários, tornando nossa relação com essa atividade mais uma forma de expressão cultural. O resgate à cultura ancestral do banho numa perspectiva sensório-afroafetiva da experiência é a proposta dessa oficina.

Dessa forma, a oficina Agbalá Ancestral tem como finalidade resgatar, através do banho, o sentido de ancestralidade e de pertencimento, fortalecendo os vínculos afetivos entre os bebês, suas famílias e a comunidade escolar.

## Objetivo

- Compartilhar afeto e experiências ancestrais com os bebês;
- Promover uma experiência sensório-motora de relaxamento, segurança, limite corporal, organização sensorial, prazer e felicidade.

## Recursos

- Baldes;
- Perfumes de alfazema;
- Tecidos com padrões africanos;
- Folhas naturais perfumadas;
- Água morna;

- Aparelho de som;
- Máquina fotográfica;
- Aparelho celular;
- Aparelho de televisão;
- Lençol;
- Fotografias de personalidades negras;
- Cestos;
- Peneiras;
- Toalhas;
- Sabonete;
- Trocador;
- Pomada de assadura;
- Fraldas;
- Roupas para troca.

## Metodologia

### Planejamento da oficina:

- **1º momento:** foi realizada uma reunião para sensibilizar e dar direcionamentos às famílias dos bebês participantes.
- **2º momento:** planejamento e compra de materiais necessários para a oficina.

- **3º momento:** arrumação dos afroambientes. O espaço foi decorado com tapete de folhas naturais, coladas ao chão, como um caminho. Nas laterais do espaço foram colocados lençóis estendidos, baldes preenchidos com água morna, perfume e folhas. As paredes foram revestidas com tecidos de padrões africanos e elementos afro-brasileiros.

## A oficina

- **1º momento:** acolhimento das famílias e crianças no salão, com palavras de boas-vindas e incentivo à troca afetiva entre os adultos e crianças.
- **2º momento:** os envolvidos foram convidados ao espaço preparado para o banho Agbalá ancestral. Nesse espaço havia uma decoração com elementos afro-brasileiros e baldes distribuídos com espaçamento de aproximadamente 1,5 m, sobre forros de lençóis. Os baldes continham água morna, perfume de alfazema e folhas, como pitanga, alfazema, eucalipto, entre outras.
- **3º momento:** convidamos as famílias para dar banho em seus bebês, utilizando os baldes, folhas, perfumes, e assim fazendo conexão com a ancestralidade.

## **Avaliação**

Durante a oficina tivemos registros de fotos e vídeos, bem como observamos a experiência dos bebês naquele momento. Coube ali uma escuta atenta aos relatos das sensações dos adultos envolvidos. Agbalá ancestral foi uma oficina na qual se pôde perceber uma produção imaterial no nível sensório-afetivo, cujas percepções avaliativas foram constatadas nos relatos trazidos pelos adultos e na expressão corporal e afroafetiva das crianças. As fotos e/ou filmagens registradas traduzem o produto final. As falas reportam a experiência como resultado dessa oficina de vivência e experimentação: “Queria que todo dia pudesse ter tempo de viver isso!”; “Vou comprar um baldinho para fazer com ela em casa!”; “Como ele ficou calmo!”. Assim, apesar da falta de concretude aparente da atividade, sua produção está no nível da subjetividade a que se dá a vivência.

## Anexos

(Registros fotográficos relevantes)





## Referências

- BOTELHO**, Pedro Freire. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 6., 2010, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2010;. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24807.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- HOSPITAIS** públicos do Pará apontam os benefícios do Banho de Ofurô para recém-nascidos. **Pró-Saúde**, São Paulo, 25 out. 2019. Disponível em: <https://www.prosaude.org.br/noticias/hospitais-publicos-do-para-apontam-os-beneficios-do-banho-de-ofuro-para-recem-nascidos/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

## OFICINA 5

# Afrobebê

Mediadora  
Priscila Lima

### **Apresentação**

As canções de ninar para os bebês, por muito tempo, foram ensinadas a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Muitas crianças foram ninadas com músicas como: “Boi da cara preta”, que desumanizava e deslegitimava os corpos pretos, como também sua cultura e sua oralidade. Portanto, a presente oficina buscou compartilhar vivências afroafetivas com os bebês, as crianças e suas famílias, a partir de uma cosmovisão africana e afro-brasileira. Através do ritmo *Ijexá*, da dança *Ijexá*, de cantigas africanas e instrumentos afro-brasileiros, buscamos encantar as crianças, com os sons dos instrumentos, gerando fascinação e o interesse para ouvir, tocar, conhecer, dançar e brincar.



## Objetivos

- Propiciar às crianças, desde cedo, experiências musicais a partir da cultura afro-brasileira, considerando o Ijexá como proposta musical;
- Possibilitar a exploração de cantigas africanas;
- Trabalhar a memória musical rítmica;
- Estimular a relação som, corpo e dança, tendo em vista o desenvolvimento da comunicação corporal;
- Apreciar e manusear instrumentos musicais afro-brasileiros.

## Recursos

- Tambores;
- Agogô;
- Caxixi;
- Violão;
- Pandeiro;
- Tecido africano;
- TV e vídeos;
- Fotos impressas.

## Metodologia

- **1º momento:** iniciamos a roda com apresentação das crianças e famílias. Em seguida, apresentamos a cantiga africana “Ô lêlê você vai embora”, entregamos um tecido africano, solicitando que todos da roda o segurassem para, no refrão da cantiga, sacudi-lo junto com o corpo.
  
- **2º momento:** perguntamos às crianças se conheciam o “Ijexá”, para, em seguida, explicarmos sobre esse ritmo que veio da África. Apresentamos também os instrumentos normalmente utilizados para tocar esse ritmo, permitindo que as crianças os manuseassem. Após esse momento, apreciamos o som do ritmo Ijexá, através de um vídeo.
  
- **3º momento:** neste momento mostramos às crianças que é possível reproduzir o som do ritmo com o corpo, pedindo-lhes que batessem palmas e nas pernas, e que observassem o som e repetissem as batidas cantando algumas cantigas de roda.
  
- **4º momento:** demonstramos o ritmo Ijexá através do tambor e do agogô, assim como entregamos caxixis para que as crianças acompanhassem o ritmo.

- **5º momento:** para finalizar, apresentamos um vídeo com dança em ritmo Ijexá, permitindo que as crianças explorassem o espaço dançando. Encerramos a oficina com uma roda de agradecimento.

## **Avaliação**

A oficina nos proporcionou uma manhã de aprendizados, de trocas afetivas, risos e curiosidades. As crianças exploraram o espaço e participaram de cada momento proposto, manusearam os instrumentos com entusiasmo, apreciando o ritmo Ijexá e sua dança.

## Anexos

### Registros fotográficos relevantes





## Referências<sup>1</sup>

**TOQUE** Ijexá. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Totó cruz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wii4xqpNX4I>. Acesso em: 15 set. 2021.

**RITMOS** Brasileiros | Ijexá. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Coletivo Educação pela Arte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bc700Alt8Gs&feature=youtu.be>. Acesso em: 26 set. 2021 .

**BENJAMIN** Abras Dança Ijexá. [S.l.:s.n.], 2009. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Napele Produções Artísticas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVaKmFNJJXc>. Acesso em: 28 set. 2021.

<sup>1</sup> Os links a seguir trata-se de vídeos consultados e apresentados na oficina.

## OFICINA 6

# Acalanto africano

Mediadora  
Elisiane Lima

## Apresentação

A oficina Acalanto Africano compreendeu um momento festivo e afetivo de acolhimento às crianças do CMEI Dr. Djalma Ramos, em especial as crianças do grupo 5, na faixa etária de 5 a 6 anos. A maioria das crianças chegam em nosso CMEI ainda bebês, criando vínculos e memórias que perpassam suas etapas de desenvolvimento até chegar à pré-escola, última etapa da Educação Infantil. Propiciar esse espaço de acalanto compreende um rito de passagem, uma forma de encerrar esse ciclo de forma *afroafetiva*, fortalecendo o respeito à infância e sua maneira inventiva de

ser e estar no mundo. A maioria das crianças do CMEI são crianças negras, oriundas de famílias pobres, pertencentes à classe trabalhadora. Dessa forma, esta oficina buscou estar ancorada em uma perspectiva *afrocentrada*.

Consideramos que é de extrema relevância pensar a infância, sobretudo a infância negra, tão negligenciada em nosso país, a partir de uma experiência da felicidade. A infância negra, dentro de uma estrutura social racista, como a que impera em nosso país, tem sido o principal alvo das mais diversas formas de privações e violências, isto é, uma realidade que rouba a infância de crianças negras, impedindo-as de viver de forma plena, digna e recoberta de afeto. Pensar em uma proposta de oficina que leve em consideração o direito das crianças pretas de ser, existir e afroexistir em meio aos seus pares significa romper com os estigmas que persistem em torno dessas crianças para assim possibilitar um encontro ancestral capaz de potencializar acolhimento e afeto, muitas vezes tão ausentes em nossas comunidades.

Desde a infância, nós, que pertencemos à população preta, tecemos nossas construções subjetivas dentro de um contexto em que somos constantemente estimulados ao auto-ódio, pois somos constantemente atravessados por estigmas que nos levam a odiar nosso cabelo, nossa cor de pele, nossos corpos e histórias. Paulo Gonzaga (2020, n.p.) nos aponta que “[...] o auto-ódio é um grande instrumento de perpetuação e retroalimentação do racismo, pois ele violenta nossos corpos e toda nossa co-



munidade, afetando as construções de cuidado, afeto e amor entre nós e por nós.”. Pensar a infância preta e seu direito à dignidade, amor e afeto nos leva na contramão das estruturas sociais vigentes, para inaugurar uma outra forma de fazer educação, capaz de romper com essas estruturas, pois, como nos aponta Luana Tolentino (2018) em sua brilhante e insurgente escrita, uma outra educação é possível. Ainda referenciando a mesma escritora, acreditamos também que “[...] a pobreza não pode tirar da gente o direito de sonhar” (TOLENTINO, 2018, p. 112) e que uma educação emancipadora é possível desde a mais tenra idade.

## Objetivos

- Acolher as crianças dentro de uma perspectiva afro-afetiva;
- Propiciar momentos lúdicos de interação;
- Fortalecer a autoimagem das crianças por meio de atividades lúdicas;
- Fortalecer os laços afetivos entres crianças, famílias e comunidade escolar.

## RECURSOS



- TV;
- Caixa de som;
- Pen drive;
- Livro de história infantil com personagens negros;
- Bonecas negras;
- Espelhos;
- Roupas e acessórios de estilo africano;
- Cesto de palha;
- Doces diversos;
- Cartas escritas pelas famílias.

## **Metodologia**

A oficina foi realizada de maneira lúdica, com canções, histórias, animação e brincadeiras *afroreferenciadas*. Iniciamos com um momento de acolhimento às crianças. Sentadas em roda, realizamos a cantoria da canção *funga alafia*, uma expressão de origem iorubá, do povo nígero-congolês, país do oeste africano, que expressa boas-vindas. É cantada para acolhimento e saudação na chegada, encontro ou reencontro de pessoas. Enquanto cantávamos, realizamos, junto com as crianças, gestos que simbolizavam: meus pensamentos são para você, minhas palavras são de acolhimento, meus sentimentos são para você, nós somos amigos. As crianças cantaram e gesticularam com muito entusiasmo.

Logo após esse momento de acolhimento, as crianças exploraram o espaço de embelezamento criado com o in-

tuito de potencializar o autocuidado e a autoestima das crianças, quando elas puderam se maquiar e utilizar os acessórios disponíveis, apreciando sua imagem no espelho. Também puderam apreciar o espaço brincante, onde foram disponibilizadas bonecas pretas e livros de histórias infantis com personagens negros.

Em seguida, as crianças apreciaram o curta-metragem *Bia Desenha* (2019). O curta é uma série de animação produzida por João Viera Jr. e Nara Aragão, em coprodução com a REC Produtores Associados, e narra as aventuras de dois primos: Bia, de 5 anos, e Raul, de 6 anos. Dentro de um contexto de territorialidade que se aproxima da realidade das crianças do nosso CMEI, a história acontece em uma periferia da região metropolitana do Recife, onde as principais aventuras dos personagens acontecem no quintal compartilhado pela família de Bia e Raul. Além disso, a animação foge do contexto de família socialmente normatizada já que Bia vive apenas com a mãe e Raul vive apenas com o pai. O curta também valoriza aspectos significativos da infância, como o gosto da personagem principal pelo desenho e as brincadeiras livres aventuradas pelos primos no quintal.

Na terceira atividade, novamente em roda, as crianças puderam apreciar a contação da história “Olelê: uma cantiga da África”, de Fábio Simões (2015), e da história “As mulheres Abayomis”, de Adilson Passos (2018). A história “Olelê: uma cantiga da África” narra a história por trás

da cantiga infantil do povo da República Democrática do Congo, que vive às margens do Rio Cassai. Segundo a cantiga, quando as águas do rio sobem na época da cheia, as pessoas precisam migrar para as regiões mais altas. A canção é então cantada pelo Kala, o homem mais velho da aldeia, como forma de chamar e dar coragem às crianças para atravessarem o rio. Já “As mulheres Abayomis” nos leva de volta a um encontro ancestral, pois nos conta a história das bonecas negras abayomis e sua representação de amor e cuidado. A contação envolveu também cantigas afro, com as quais as crianças puderam interagir do início ao fim.

Após a contação de história, as crianças continuaram no mundo da imaginação através da caça ao tesouro. Iniciando o momento de fantasia a partir de uma história ancestral, as crianças foram seguindo pistas que continham elementos *afrorreferenciados*, como o mergulho no Quiombo dos Palmares, a apreciação de instrumentos musicais como agogô e djambê e a figura da mulher africana. Cada elemento continha pistas que levaram à descoberta do grande tesouro.

Na atividade do desfile, as crianças puderam ocupar o espaço do palco criado para esta atividade, onde elas puderam desfilar de forma empoderada, ao som da música remixada “Pesadão”, da cantora Iza. O momento do desfile foi um momento brincante, no qual as crianças puderam vivenciar o espaço do palco em sua inteireza infantil,

mesclando o mundo da fantasia ao mundo da dança de forma alegre e descontraída.

Como última atividade, realizamos um momento de fortalecimento de afroafeto familiar a partir da leitura das cartas deixadas pelas famílias para as crianças. A oficina foi encerrada com música, momento em que as crianças puderam, de forma livre, expressar-se corporalmente por meio da dança.

## **Avaliação**

A oficina ocorreu de forma lúdica, afrocentrada, recoberta de cantigas, histórias, momentos de apreciação da autoimagem, dança e muita imaginação. Foi possível ver a alegria e entusiasmo das crianças ao longo de cada atividade. Nos momentos de interação, potencializar uma autoimagem positiva foi de extrema importância, pois, muitas vezes, nossas crianças vivenciam experiências outras que estigmatizam suas identidades, já que o socialmente aceito e privilegiado aponta para outro lugar. Dessa forma foi relevante a devolutiva das crianças por meio de suas expressões, bem como das famílias, como o relato de um dos pais ao referenciar as palavras da criança: “ela me disse que é uma rainha”.

As reflexões geradas por meio das atividades desta oficina nos permitem tomar como referência as palavras da nossa saudosa e eterna bell hooks (2020, p. 72) quando nos diz que “[...] o amor é o que o amor faz, e é nossa responsa-

bilidade dar amor às crianças. Quando as amamos, reconhecemos com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos — os quais nós respeitamos e garantimos”. Dessa forma, acreditamos em uma outra educação possível, recoberta de *afroafetos*, uma educação que reposiciona a criança negra em seu lugar de protagonismo, e sobretudo nesse lugar onde o amor seja realidade em sua *afroexistência*.

## Anexos

### Registros fotográficos relevantes



Momento de acolhimento com a cantiga "Funga Aláfia"



Momento da contação de história



**Crianças em sessão de embelezamento**



## OFICINA 7

# Dayó, partilhando alegria pelos fios da memória

Mediadora  
Cristiane Melo

## **Apresentação**

As *necropolíticas*, ou seja, políticas de morte, diariamente violentam os corpos dissidentes das crianças pretas (MBEMBE, 2018). Esse impacto incisivo nos corpos infantis pode ser observado em nosso fazer professoral, uma vez que muitas crianças demonstram não gostar do seu cabelo crespo nem da sua cor de pele, ambos símbolos de nossa identidade negrodiaspórica. Além disso, podemos adicionar, a essa celeuma, o *epistemicídio*, outra forma de violência que visa apagar as personalidades negras e

suas formas de produções intelectuais (CARNEIRO, 2005). Por conta dessas violências, nossas crianças pequenas e pretas não conseguiam se assemelhar fisicamente com os personagens propagados pela mídia, uma vez que eram personagens brancos, os únicos apresentados a elas como importantes e bonitos. Neste panorama, nossas crianças pretas precisam todos os dias resistir ao movimento brancocêntrico, que visa contaminar todas as formas de existência afrodiáspórica dentro dos territórios infantis com suas práticas racistas. De tal modo, quando coletivamente construímos uma educação antirracista e afrocentrada, buscamos, de forma irmanada, criar encruzilhadas para que, dentro dos territórios, a identidade de nossas crianças pretas seja construída por meio do corpo negro e do cabelo crespo. Isso pode ser confirmado com Gomes (2000), quando afirma que o cabelo é um dos símbolos mais destacados do corpo insurgente preto, uma vez que ele é usado “[...] como formas de recriação e ressignificação cultural daquelas construídas pelos negros da diáspora (GOMES, 2000, p. 44)”. Assim, com a oficina *Dayó: partilhando alegria pelos fios da memória*, através dos cuidados com o cabelo, buscamos trilhar, com nossas crianças pequenas, caminhos insurgentes de afroafetos, para que todos os dias elas possam existir, coexistir e afroexistir nos territórios infantis, em sua mais genuína Pretainfância (MELO, 2020).

## Objetivos

- Fomentar a construção identitária de nossas crianças pequenas por meio dos cabelos;
- Propiciar momentos de embelezamento/empoderamento com seus pares;
- Valorizar a importância de gostar de seu cabelo;
- Contemplar diferentes personalidades e suas histórias com o cabelo;
- Propiciar momentos de brincadeiras de embelezamento;
- Aprender a importância de cuidar dos cabelos crespos com outras crianças.

## Recursos

- Xampu/condicionador;
- Creme de cabelo;
- Tecidos africanos;
- Espelhos;
- Mangueira;
- Borrifadores;

- Roupas africanas;
- Acessórios para o cabelo;
- Imagens de personalidades negras;
- Aparelho de som;
- Pendrive.

## Metodologia

Iniciamos a oficina em círculo, com a brincadeira: *Dayó* – *Mutuê*, na qual os adultos falavam *Dayó*, e as crianças respondiam *Mutuê*. Em seguida, solicitamos que as crianças realizassem alguma tarefa referente ao seu cabelo: “toquem em seus cabelos”, “toquem no cabelo do colega”, “massageiem suas cabeças como se fossem lavar os cabelos”, e assim por diante. Depois de várias solicitações, conversamos com as crianças acerca do que elas acharam da brincadeira e, nesse momento, iniciamos um diálogo mais profundo sobre se elas gostavam de seus cabelos, como elas cuidavam deles e quais produtos elas habitualmente utilizavam. Após esse diálogo inicial, ainda em roda, disponibilizamos um espelho e incentivamos as crianças a se olharem e enaltecem sua beleza com palavras de empoderamento: “Meu cabelo é lindo! Crespo sim, gosto dele assim! O meu crespo é de rainha! Meu cabelo é resistência! Meu cabelo é ancestral! Respeita meu cabelo, ele vem de longe! Nosso crespo é de rainha! Meu cabelo é uma rosa da resistência! Sou pretinha e meu cabelo é de rainha! Meu cabelo é armado! Tem uma coroa nele!” Após

essa ação, convidamos as crianças a lavarem seus cabelos, demonstrando a importância do autocuidado e da técnica de fitagem. Nesse momento, as crianças demonstraram bastante entusiasmo em se molharem e experimentarem a técnica de fitagem em seus cabelos, mas também nos cabelos dos colegas. Foi um momento irmanado e coletivo! Logo depois, convidamos as crianças a escolherem sua indumentária e os adereços para seus cabelos; esse momento foi muito inspirador, isso porque o grupo apresentou um movimento de afroafeto ao elogiarem seus colegas e se abraçarem de tanta felicidade. Quando todas as crianças terminaram esse movimento de embelezamento, nós as convidamos para o nosso samba de roda. Observamos, nos rostos das crianças, em seus corpos e cabelos dissidentes, a alegria em serem crianças, que puderam, através dessa atividade, enquanto crianças pretas, ser, existir e experimentar a felicidade.

## **Avaliação**

Considerando que cotidianamente as políticas de mortes, sejam as *necropolíticas*, o *epistemicídio* ou até as práticas racistas, atingem diretamente os corpos infantis das crianças pretas, buscamos, com a oficina *Dayó*, criar, conjuntamente com as crianças pretas, o fortalecimento identitário, quando fomentamos o autocuidado com os cabelos crespos como uma forma de resistência para que os corpos insurgentes das nossas crianças possam resis-

tir/existir nessa sociedade racista e embranquecida. Por isso, quando possibilitamos que as crianças pequenas experienciassem ações antirracistas e afrocentradas — a exemplo dos cuidados com os cabelos, das brincadeiras africanas, da técnica de fitagem, que é própria para o cabelo crespo, do embelezamento do corpo preto e do cabelo crespo e samba de roda —, proporcionamos, a esses corpos insurgentes, ações contaminadas pela nossa cultura afrodiaspórica. Assim, o depoimento “Meu cabelo é bonito igual da minha mãe”, dado por uma criança que participou da oficina, nos fortalece para continuar com ações que respeitem o direito à afroexistência. Direito por meio do qual as crianças pretas, diariamente, impõem com seus corpos desobedientes às práticas racistas, com seus olhares, com suas memórias, com suas *escrevivências* (EVARISTO, 2020), com seus movimentos curriculantes (MACEDO, 2013) e com toda sua ancestralidade negrodiaspórica, que cada criança preta carrega dentro dos territórios infantis.

## Anexos

### Registros fotográficos relevantes







## Referências

- CARNEIRO.** Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 18 set. 2021.
- EVARISTO, Conceição.** A escrevivência e seus subtextos. In: *DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.* 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.
- GOMES, Nilma. Lino.** Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmxrHf5nTC7r/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.
- LUZ,** Narcimária Correia de Patrocínio (org.). **Descolonização e educação: diálogos e proposições metodológicas.** Curitiba: CRV, 2013.
- MACEDO, Roberto Sidnei; AZEVEDO, Omar Barbosa.** **Infâncias-devir e currículo: a afirmação do direito das crianças à (aprendizagem) formação.** Ilhéus: Editus, 2013.
- MBEMBE, Achille.** **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Tradução

de Renata Santini. São Paulo: n-1edições, 2018.

**MELO, Cristiane Santos de. Escrevivendo-me negra:**  
práticas pedagógicas afrofemininas. 2020.  
Memorial (Mestrado Profissional em Ensino  
e Relações Étnico-Raciais) - Universidade  
Federal do Sul da Bahia, Itabuna, 2020.  
Disponível em: [https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/  
verArquivo?idArquivo=565888&key=6361edf9  
1ae081d9a49fff8662c39035](https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=565888&key=6361edf91ae081d9a49fff8662c39035). Acesso em: 17 set.  
2021.

**OFICINA 8**

# Despenteia

*Mediadora*  
*Vera Lúcia Bonfim*

## **Apresentação**

As crianças pretas cresceram com os cabelos crespos sendo contidos, alisados, e o fato de ter cabelo “duro”, “de pixaim” e “bombril” era sinônimo de sujeira, de marginalização e de feiura. Ou seja, pensamentos e xingamentos racistas, a partir de uma visão brancocêntrica e que ferem a subjetividade das nossas crianças pequenas. Vivemos numa sociedade racista, na qual é negada às crianças a possibilidade de afroexistirem com seus corpos pretos e cabelos crespos. Portanto, Gomes (2000) afirma que as experiências da população preta em relação ao cabelo começam desde muito cedo, quando as crianças são submetidas a rituais de manipulação do cabelo, mesmo contra

sua vontade. Essas violências são ratificadas também nos espaços de educação infantil, quando o educador trata o cabelo crespo ora numa perspectiva de contenção, ora o excluindo de cuidados. De tal modo, a oficina Despenteia surge como uma ação insurgente e decolonial para mobilizar as crianças a fortalecer a sua identidade por meio do cabelo crespo, incentivando-as a, num movimento desobediente, soltar seus cabelos. Esse movimento decolonial é uma forma de afroafeto, como afirma hooks (2006, p. 250)<sup>1</sup>, quando “[...] escolhemos amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover em direção à liberdade, a agir de formas que libertam as nós e aos outros”. Assim, acreditamos que a presente oficina é um movimento de amor contra opressões de dominação, em que o cabelo crespo possa ser reverenciado em sua ancestralidade e beleza afrodiaspórica.

## Objetivos

- Desconstruir experiências negativas com os cabelos crespos;
- Enaltecer a beleza do cabelo crespo;
- Contribuir para a desconstrução do discurso que

<sup>1</sup> Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

inferioriza a criança negra e o cabelo crespo;

- Apresentar literaturas infantis que fortaleçam a identidade negra;
- Conhecer palavras em iorubá;
- Conhecer e reconhecer o seu corpo e a textura do cabelo crespo;
- Contribuir para a construção identitária.

## **Recursos**

- Tecidos africanos;
- Literatura infantil;
- Espelho;
- Baldes;
- Creme de cabelo;
- Xampu;
- Roupas africanas;
- Maquiagens;
- Tiaras;
- Colares.

## Metodologia

Esta oficina foi desenvolvida com atividades de cuidados com os cabelos crespos, para valorizar a estética negra.

- **1º momento:** a primeira atividade foi iniciada com a contação de história “Meu Crespo é de Rainha”, de bell hooks. O livro enfatiza a beleza dos cabelos encaracolados, crespos e ondulados, conduzindo para o empoderamento e a formação da identidade negra.
- **2º momento:** em seguida, ainda na roda de conversa sobre a história contada, as crianças trouxeram o relato com entusiasmo e alegria.
- **3º momento:** as crianças observaram o seu reflexo pelo espelho e falaram as seguintes palavras de ordem: “Meu crespo é lindo assim”!/ “Crespo sim, gosto dele bem assim”!/ “Meu crespo é resistência”!/ “Meu cabelo é ancestral”!/ “Respeita o meu cabelo”!/ “Ele vem de longe”!/ “Sou pretinha, meu cabelo é de rainha”!
- **4º momento:** brincadeira Dayó (partilhando alegria pelos fios da memória) — *Mukunã* (palavra em iorubá que significa cabelo). Na roda, solicitamos que as crianças brincassem num jogo de palavras de ordem. Quando o adulto pronunciava a palavra

“Dayó”, elas respondiam: “Mukunã”. Em seguida, o adulto conduzia o diálogo solicitando que as crianças tocassem em seus cabelos, sentissem sua textura, tocassem no cabelo dos seus colegas e massageassem suas cabeças como se fosse lavá-las.

- **5º momento:** em retomada do diálogo na roda, questionamos as crianças se elas gostavam dos seus cabelos, como elas cuidavam deles em casa, qual produto mais estranho já tinham usado para os cuidados capilares. Em seguida, convidamos as crianças a lavarem seus cabelos, com movimentos circulares, autocuidado e técnicas como fitagem, para desembaraçá-los. As crianças trataram dos cabelos no Despenteia.
- **6º momento:** as crianças escolheram roupas para o embelezamento, exploraram maquiagens, penteados, acessórios e pinturas de rosto.
- **7º momento:** finalização com roda de samba, momento de expressividade, toques e motivação com palavras de ordens DAYÓ-MUKUNÃ.

## **Avaliação**

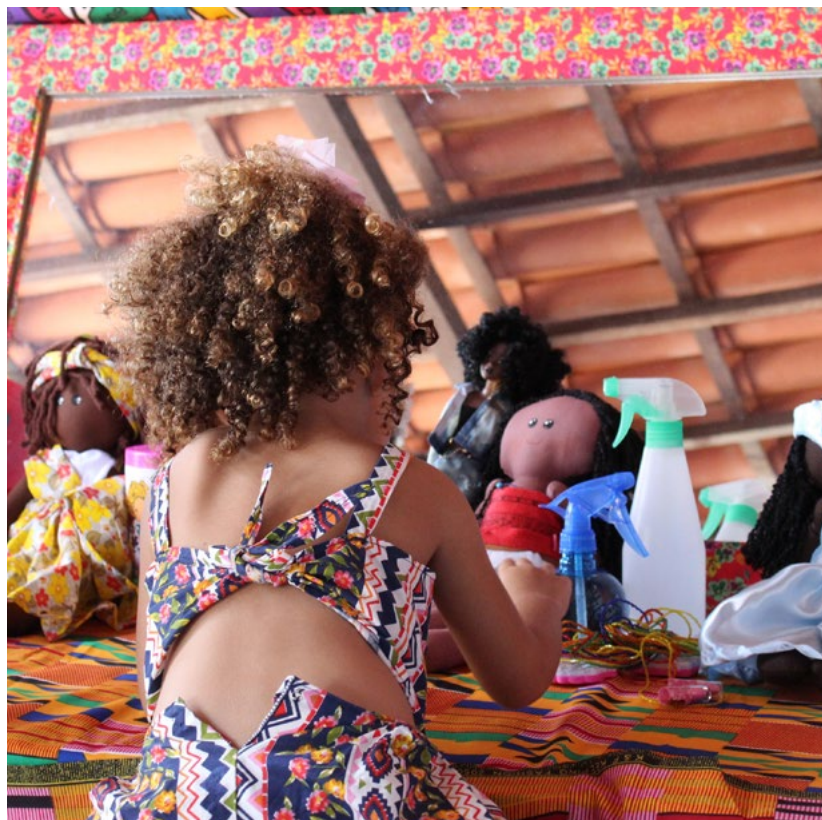
A avaliação foi realizada a partir da observação, da participação e do envolvimento das crianças, registrados através de instrumentos fotográficos e audiovisuais, em todos os momentos da oficina.



## Anexos

### Registros fotográficos relevantes





## Referências

- BRASIL.** Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/ene/arquivos/pdf/003.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- GOMES, Nilma Lino.** **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar.** Cidade: Editora, 2000.
- hooks, bell.** Love as the practice of freedom. In: hooks, bell. **Outlaw culture. Resisting Representations.** New York: Routledge, 2006. p. 243-250.

COORDENAÇÃO DO PROJETO "POR UMA INFÂNCIA ESCRIVIENTE: PRÁTICAS DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA" *Fátima Santana Santos*

COMITÊ GESTOR *Fátima Santana Santos, Noêmia Verúcia Almeida Pereira, Cristiane Santos Melo, Elisiane Lima da Silva, Lia Kruken Pereira*

SUPERVISORA DO PROJETO *Waldete Tristão*

EQUIPE DE TRABALHO *Fátima Santana, Cristiane Melo, Elisiane Lima, Mabian Ribeiro, Noêmia Verúcia Pereira, Everton Pinheiro, Vera Lúcia Bomfim, Priscila Lima*

COLABORADORES EXTERNOS *Ladjane Alves Sousa, Maria de Paula Pinheiro, Marcos Felipe Marques, Cynthia CY Barra, Alane Souza*

COORDENAÇÃO EDITORIAL *Lia Cunha*

REVISÃO *Pedro Carvalho*

COORDENAÇÃO EDITORIAL *Fátima Santana Santos*

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO *Iansã Negrão com ilustrações de Morgana Miranda (Casa Grida)*

FOTOGRAFIA *Everton Pinheiro e Yuri Teixeira*

APOIO *O projeto "Por uma Infância Escreviente: práticas de uma educação antirracista" tem apoio financeiro do Edital Equidade Racial na Educação Básica: pesquisas aplicadas e Artigos científicos (CEERT)*



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Caderno metodológico [livro eletrônico] /  
organização Fátima Santana...[et al.]. —Salvador, BA : Duna,  
2022. — (Por uma infância escrevente)

PDF

Vários autores.

Outras organizadoras: Cristiane Melo, Elisiane Lima,  
Mabian Ribeiro.

ISBN 978-65-994225-7-7

1. Ancestralidade 2. Antirracismo 3. Educação  
infantil — Aspectos sociais 4. Educação — Finalidades e  
objetivos 5. Prática de ensino 6. Prática pedagógica I.  
Santana, Fátima. II. Melo, Cristiane. III. Lima, Elisiane. IV.  
Ribeiro, Mabian. V. Série.

22-109366

CDD-370.19

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação : Aspectos sociais 370.19  
Eliete Marques da Silva — Bibliotecária — CRB-8/9380

